

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

ROSILENE BERNARDES

**AMPULHETA URBANA:  
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E  
DE SUA INFLUÊNCIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE VIÇOSA – MG  
ATRAVÉS DAS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO**

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2013

ROSILENE BERNARDES

**AMPULHETA URBANA:  
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E  
DE SUA INFLUÊNCIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE VIÇOSA – MG  
ATRAVÉS DAS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Civale - DGE

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Banca Examinadora composta por:

---

Professor Dr. Leonardo Civale (orientador) – DGE

Universidade Federal de Viçosa

---

Professora Dra. Patrícia Vargas Lopes de Araújo - DHI

Universidade Federal de Viçosa

---

Professora Dra. Maria Marta dos Santos Camisassa - DAU

Universidade Federal de Viçosa

Monografia defendida e aprovada em quatro de abril de 2013, perante banca examinadora.

## *Os meus sinceros agradecimentos...*

Ao Divino Pai Eterno, que me guiou nos dias de solidão e de escuridão, assim como nos dias de luz e de felicidade, me demonstrando o caminho mais prudente e responsável para com os meus companheiros de universidade e com as minhas atividades e projetos acadêmicos, para que estes fossem realizados da melhor forma possível.

Ao meu pai Cleber Silvestre Bernardes e a minha mãe Maria da Conceição Bernardes, meus exemplos de vida, que me acompanharam torcendo, rezando, e vivendo pacientemente cada passo da minha vida estudantil.

À Monalisa, a minha grande amiga de estudos que passou por tardes e noites eternas estudando ao meu lado desde o cursinho pré – vestibular até o fim da graduação.

Ao nosso mais novo amigo Fellinni que só veio acrescentar alegria em nossas vidas.

Aos meus familiares, que acompanharam e torceram por mim nesta vida de estudante, em especial ao meu avô Sebastião de Oliveira Santos, in memoriam, que me agraciou com os seus contos durante a minha infância, me relatando a sua trajetória (por quarenta e seis anos consecutivos) enquanto servidor da ESAV e da UREMG.

Aos servidores da Escola Coronel Antônio da Silva Bernardes – CASB, que me acolheram com tanto carinho, onde realizei o meu estágio de licenciatura no ano de 2010 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada. Em especial a Maria da Conceição Paiva (Coordenadora pedagógica), a Maria Aparecida Salazar (Professora de Geografia), a Evandro, Alessandra e Denise (Secretários) e a Fernando (Bibliotecário).

Aos servidores do SAAE – Sistema Autônomo de Água e Esgoto, que me acolheram com tanta dedicação e responsabilidade no ano de 2012, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela. Em especial ao Sr. Geraldo Fausto (Diretor de Limpeza Pública), ao Prof. Dr. Marcos Alves de Magalhães (Assessor Técnico do SAAE e orientador - supervisor do meu estágio), ao Sr. Sanzio José Borges (Diretor Presidente), ao Sr. Irineu Cassini Franco (Diretor Administrativo e financeiro), ao Sr. Evanil Fonseca (Fiscal do Setor de Limpeza) e ao meu grande amigo Nivaldo de Oliveira Paula (Supervisor da Usina de Reciclagem).

Aos servidores da UFV que contribuíram com a sua boa vontade e paciência para a realização das minhas inúmeras atividades acadêmicas.

À todos os professores que para mim lecionaram, ajudando-me a completar uma etapa sumariamente importante em minha vida, contribuindo para a minha formação pessoal e educacional.

E finalmente os meus sinceros agradecimentos aos meus amigos viçosenses que passaram por tantas transformações, cresceram ao meu lado e conheceram a minha trajetória.



Obrigado pelas nossas conversas, pelo companheirismo, pelas nossas risadas, e pelas nossas noites musicais no Bar Leão.

Obrigado por dividirem tantas emoções e acreditaram em mim, em uma fase tão intensa e almejada da minha história, em um caminho chamado de vida, onde agarrei a felicidade e a tristeza, o desânimo e a glória, os encontros e os desencontros, as perdas e as vitórias, em um tempo de realização de um grande sonho chamado UFV.

“Quando eu era jovem o meu sonho era tornar-me geógrafo. Entretanto, antes de ingressar no curso superior, quando trabalhei num escritório, numa atividade que envolvia consumidores de diversas partes, comecei a pensar mais profundamente sobre essa questão e concluí que essa disciplina deveria ser extremamente complexa e difícil. Após alguma relutância, acabei optando pelo estudo da Física.”

Albert Einstein (1879 – 1955).

“Disse Kublai Kan: É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito. Então respondeu Marco Polo: o inferno dos vivos não é algo que será; se existe; é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir espaço.”

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fornecer um novo olhar sobre a construção da UFV e de sua influência na (des)construção da cidade de Viçosa-MG, demonstrando o crescimento inicial da cidade em torno de suas áreas centrais, que ofereciam algum tipo de estrutura urbana, que supria as necessidades locais e que conseqüentemente com o passar dos anos sob influência do desenvolvimento da UFV passou por maiores transformações. Sendo o destaque desta pesquisa a Praça Silviano Brandão, a Rua Virgílio Val, a Rua Senador Vaz de Melo, a Av. Peter Henry Rolfs, a Rua dos Estudantes, a Rua Padre Serafim, a Praça do Rosário, a Avenida Bueno Brandão e a Rua Álvaro Gouvêia. Estando a Universidade Federal de Viçosa e a cidade envolvidas por diversas nuances que modificaram o seu espaço, as suas relações sociais, a sua arquitetura e o seu modo de viver até os dias atuais.

Palavras – chave: Tempo; Espaço; Planejamento Urbano; Cidade; Sociedade.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	08
LISTA DE SIGLAS.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A CONSTRUÇÃO DA ESAV: UM EMPREENDIMENTO IMPACTANTE.....	14
3. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E A SUA INFLUÊNCIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE VIÇOSA.....	20
3.1 O uso do solo na construção das edificações da ESAV.....	20
3.2 A construção de uma variante da Estrada de Ferro Leopoldina Railway.....	22
3.3 A destruição da mata nativa com a economia do café.....	25
3.4 Em nome da educação.....	27
3.5 Recriai o solo da província de Viçosa.....	31
4. OS DESAFIOS DO PLANEJAMENTO URBANO CONTEMPORÂNEO NA CIDADE DE VIÇOSA.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
LISTA DE FIGURAS DOS ANEXOS.....	48
ANEXO I – Plantas da ESAV, UREMG e UFV.....	60
ANEXO II – Mudanças espaciais, temporais, sociais e arquitetônicas do Campus da UFV de 1921 a 2013.....	68
ANEXO III - Mudanças espaciais, temporais, sociais e arquitetônicas na cidade de Viçosa - Minas Gerais do século XIX ao século XXI, de 1898 a 2013.....	112

ANEXO IV – Traçado urbano da cidade de Viçosa - MG.....	174
ANEXO V – Área de ocupação, próximo ao Ribeirão São Bartolomeu, no centro de Viçosa-MG.....	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ANEXOS.....	182

## LISTA DE SIGLAS

1. CASB - Escola Coronel Antônio da Silva Bernardes.....	28
2. CEASA – Centro Econômico de Abastecimento Sociedade Anônima.....	37
3. CEMIG – Centrais Elétrica de Minas Gerais.....	39
4. CENTEV – UFV – Centro Tecnológico de Viçosa – UFV.....	29
5. COLUNI – Colégio Universitário.....	30
6. EAAB - Escola Agrícola Arthur Bernardes.....	29
7. ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária.....	12
8. EUA – Estados Unidos da América.....	15
9. FUNABEM - Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.....	29
10. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	39
11. SAAE – Sistema Autônomo de Água e Esgoto.....	39
12. UFV – Universidade Federal de Viçosa.....	12
13. UREMG – Universidade Rural de Minas Gerais.....	12

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho fornece um novo olhar sobre a construção da UFV e de sua influência na (des)construção sócio-espacial da cidade de Viçosa-MG, dando destaque para as áreas de procedência inicial da cidade, ou seja, para as áreas centrais. Estas áreas foram analisadas através de cinco categorias de inter-relações fundamentais em seu processo de desenvolvimento, sendo estas categorias o tempo, o espaço, a sociedade, a educação e o planejamento urbano.

Uma análise perspicaz das principais fases da UFV paralelamente com o desenvolvimento da cidade foi realizada, sendo desenvolvida uma investigação em duas etapas. A primeira etapa consistiu em um estudo de origem bibliográfica exploratória desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente através de análise documental: consultas a livros da Biblioteca Central, livros específicos da pesquisa em questão, via internet, e a dados ministrados em sala de aula pelo professor no grupo de estudos direcionado para monografia. Na segunda etapa foi realizado um complexo delineamento dos dados de ordem geográfica demonstrando o espaço como um produto de inter-relações, sendo heterogêneo, aberto e em constante formação. Além disso, foi desenvolvido uma análise através de fontes documentais do tipo pessoal, como relatórios, fotografias, memorandos, boletins e cartas pessoais de antigos servidores da UFV.

Em relação à construção da ESAV, a primeira fase principia em seis de setembro de 1920 com a autorização da criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária-ESAV e a sua instalação na cidade de Viçosa, em Minas Gerais em 1926, se estendendo até 1948, a segunda fase demonstrada representa a criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais-UREMG que começa em 1948 e vai até o ano de 1969, iniciando a partir daí a terceira fase que começa em oito de maio de 1969, onde por força maior do Decreto nº 64.825 de 15 de julho do mesmo ano, inicia-se de fato e de direito a instituição intitulada Universidade Federal de Viçosa-UFV, indo até os dias atuais.

Tendo a UFV não como o principal responsável por todos os problemas urbanos da cidade de Viçosa, mas como o principal atrativo para o crescimento da cidade, pois todo movimento arquitetônico, social e econômico que prevalece atualmente não existiria sem a presença do Campus. A UFV trouxe consigo a transformação das formas passadas imateriais e materiais, gerou um aparente progresso para a cidade e impulsionou em nosso tempo contemporâneo à recriação veloz e brutal da urbanização central da cidade, onde os problemas relacionados à moradia, a especulação imobiliária, aos serviços urbanos e a degradação do meio ambiente acirraram-se.



Desafiando assim, o planejamento urbano atual da cidade que possui o seu traçado urbano concentrado e com um sistema veloz de reposição de inúmeros imóveis, onde o antigo cede espaço para o novo, necessitando de medidas mitigatórias como a organização, a remodelação e a conservação de alguns espaços, assim como a criação de medidas compensatórias como as áreas verdes, de ambientes culturais, de lazer, de esportes etc.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA ESAV: UM EMPREENDIMENTO IMPACTANTE

“Em relação à história da Universidade Federal de Viçosa, esta pode ser apresentada de maneira sumária em três fases distintas, onde a primeira fase principia em seis de setembro de 1920 [...] com a autorização da criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária-ESAV e a sua inauguração na cidade de Viçosa, em Minas Gerais em 1926, se estendendo até 1948.” (SABIONI; ALVARENGA, 2006, p. 7).

“A segunda fase começa em 1948 com a criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais-UREMG e vai até o ano de 1969 [...] e por fim a terceira fase que começa em oito de maio de 1969, onde por força maior do Decreto nº 64.825 de quinze de julho do mesmo ano, inicia-se de fato e de direito a instituição intitulada de Universidade Federal de Viçosa-UFV, indo até os dias atuais.” (SABIONI; ALVARENGA, 2006, p.7).

Um fator determinante para a construção da ESAV, segundo Arthur da Silva Bernardes foi à solução para resolver o empirismo dominante na agricultura e pecuária da época, sendo o seu artigo de criação bem específico:

Esta Escola tem por objectivo ministrar o ensino prático e theorico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentaes que ocorram para o desenvolvimento de taes sciencias no Estado de Minas Geraes. (BERNARDES, 1920, apud BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 05).

Em relação à escolha da localização do Campus esta teria sido técnica e não em deferência de Viçosa ser a terra natal de Arthur Bernardes, um dos principais engenheiros que acompanhou as obras o Dr. João Carlos Bello Lisbôa afirmaria:

Da escolha do local foi incumbida uma comissão, constituída dos Drs. Peter Henry Rolfs, Álvaro da Silveira e Arduíno Bolivar, a qual recebeu a instrucção do Governo de Minas no sentido de ser localizada a Escola, na Zona da Matta, por ser a região de maior riqueza agrícola e de densidade populacional. [...] A situação do estabelecimento tem se mostrado muito favorável, pois que, além das condições locais, de excelente clima, boa água potável, altura conveniente acima do nível do mar, apresenta a Escola posição central, está collocada no centro da Zona da Matta, a de maior Agricultura do Estado e de mais forte densidade população. O estabelecimento está em posição central relativamente aos prósperos municípios de Ubá, Rio Branco, Cataguases, Muriahé, Carangola, Manhuassú, Jequery, Caratinga, Ponte Nova, Rio Casca, Raul Soares, Alvinópolis, São Domingos do Prata, que são de maior produção agrícola do Estado,

devendo a escola constituir, em um futuro, o centro dum systema rodoviário. O aspecto geral do Estabelecimento é realmente encantador, o rigor das construções, a pujança dos campos de cultura, as estradas, a natureza do local e muitos outros requisitos lhe dão panorama de grande beleza, já evidenciada por visitantes de notável importância. (LISBÔA, 1929, apud BORGES; SABIONI, 2004, p. 3 e 6.).

No entanto, ambas as decisões são possíveis de serem questionadas, pois a criação de uma instituição educacional de grande porte como a ESAV foi um elo fundamental na gestão política de Arthur Bernardes, movimentando a economia, a política e a sociedade local.

Segundo Paniago (1990) desde o início ficou decidido pelo Governo do Estado, que a nova instituição de ensino não seria inspirada nos modelos europeus e sim nos moldes americanos “Land Grant Colleges”. Esse modelo educacional era baseado no ensino, na pesquisa e na extensão, relativos aos problemas da agricultura e dos agricultores dos Estados Unidos da América do Norte, onde estes estavam obtendo grande êxito em suas atividades.

“Sendo assim, em 1920 Arthur da Silva Bernardes pediu a José Cochrane de Alencar, Embaixador do Brasil nos EUA, a indicação de um especialista capaz de fundar, organizar, e dirigir uma Escola Agrícola Moderna, sendo indicado por intermédio dos Departamentos de Estado e da Agricultura dos EUA o Dr. Peter Henry Rolfs.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 5).

“Rolfs, era um idealista, deixou a Universidade da Flórida, onde tinha posição de diretor e era muito conceituado [...] partindo de Nova York em 19 de janeiro de 1921, chegando ao Rio de Janeiro em quatro de fevereiro do mesmo ano e logo em seguida se estabelecendo em Belo Horizonte para iniciar os seus trabalhos.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 6).

“Chegando a Viçosa, P. H. Rolfs ocupou uma casa velha de uma das fazendas viçosenses, de pau-a-pique, onde não havia vidraças, água encanada e luz elétrica, passou dificuldades com a linguagem, para lidar com os operários analfabetos e teve de ensinar os animais a trabalhar, pois não havia na região um burro que soubesse puxar uma grade ou um puxador.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 6).

Segundo os historiadores, consta que ao adestrar a famosa Ruana, Peter Henry Rolfs teria dito: “Os burros daqui não podem ser mais burros do que em meu país.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 6).

Não se pode negar que P. H. Rolfs foi um pioneiro que saiu de sua pátria e de sua zona de conforto para fundar um empreendimento impactante que mudaria para sempre a história da Zona da Mata mineira, porém este empreendimento causou possíveis conflitos em diferentes

atores sociais, como a interferência nos hábitos, costumes e na cultura local. A construção da ESAV introduziu novas práticas e uma nova mentalidade à cidade, eventuais parcerias, integração com atores sociais da região e de outros lugares do país, criou grandes perspectivas, oferta de empregos, renda direta e indireta e viria a transformar a cidade de Viçosa em um dos principais polos de educação da Zona da Mata.

“Em 30 de dezembro de 1921 Arthur da Silva Bernardes aprovou a planta, os planos da fundação e das desapropriações de terras para a construção da ESAV. Porém o Dr. Fernando de Mello Vianna (Procurador Geral do Estado) veio à Viçosa, optando pela compra das terras.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 6).

Segundo Paniago (1990) Fernando de Mello Vianna enfrentou sérias dificuldades, como a resistência passiva dos donos das terras. Sendo finalmente recomendado pelo Presidente Arthur Bernardes que evitasse o máximo de desapropriações, adquirindo assim os terrenos pela compra, pois alguns dos proprietários eram seus adversários políticos.<sup>1</sup>

Em relação ao seu trabalho, Fernando de Mello Vianna descreveu:

O pior é a resistência passiva dos vendedores. Não sei se conseguirei levar a cabo a empreitada, pois nunca tive igual. É preciso ter uma grande dose de paciência e provisão de coragem. Nunca andei tanto a pé em minha vida; de plano, não me traziam os animais para percorrer os terrenos que precisávamos, mas, a pé, e sem temer os carrapatos, percorri-os todos e realizei as compras que deram à Escola os seus primeiros terrenos [...] e onde eu mesmo estou inaugurando o seu prédio principal. (VIANNA, 1926, apud BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 6).

“Segundo João Carlos Bello Lisbôa, com a compra dos terrenos, foi adquirido 453 hectares da área necessária para o início das obras, sendo despendida a importância de 298:800\$000 (duzentos e noventa e quatro contos e oitocentos mil réis) e no dia 10 de junho de 1922, com grande assistência pública foi lançada a pedra fundamental do Edifício Principal.”<sup>2</sup> (LISBÔA, 1929 apud BORGES; SABIONI, 2004, p. 3).

Em relação aos terrenos adquiridos para construção da ESAV, podemos citar os seguintes donos de terras: os herdeiros de Antônio Senhorinha, os herdeiros de Francisco Damasceno Campos, Laurentino Gonçalves de Pais, Juventino Octávio de Alencar, Christiano Machado, Lino Lopes Rosado, Alexandre Ferreira, Alberto

---

<sup>1</sup> Ver mapa da aquisição das terras em projeção tridimensional e projeção plana no anexo I, p. 61.

<sup>2</sup> Ver público presente no lançamento da pedra fundamental do Edifício Principal. Anexo II, p. 71.

Pacheco, João Tristão Gonçalves, Antônio Vitarelli, Paulina Oliveira, etc. (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 61).

Paniago (1990) relata que João Carlos Bello Lisbôa, foi um personagem importante neste enredo, começando à sua carreira como engenheiro-auxiliar até alcançar o cargo de engenheiro-chefe, permanecendo até o final da construção da ESAV.

“João Carlos Bello Lisbôa realizou uma das primeiras medidas compensatória da ESAV, pois encontrou de início entre seiscentos operários na construção da Escola os horrorosos índices de 90% de analfabetos e 100% de doentes por verminoses, sendo esta situação invertida para 0% em 1935.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 38).

“Para combater o analfabetismo dos operários e de seus filhos, desde cedo foi estabelecido por Bello Lisbôa o ensino primário, o primeiro ato educacional da instituição, no começo das aulas com a finalidade de juntar o ensino técnico a lições de moral e civismo, o professor João Moogen de Oliveira sugeriu as palavras estudar, saber, agir e vencer como uma legenda para a instituição, lembrando que estas se tornariam o lema da ESAV.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 7).<sup>3</sup>

“Ainda em 1922, foram iniciados os trabalhos agrícolas, incluindo a extinção de mais de dois mil formigueiros na área central, somente no primeiro ano de atividade.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 7).

“Em razão do vulto das obras e da falta de materiais de construção na região de Viçosa, Lisbôa decidiu criar vários serviços industriais, como uma pedreira, com grande capacidade de produção e diversas olarias, que produziram os mais de dois milhões de tijolos consumidos nas obras.”<sup>4</sup> (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 7).

“Além disso, foram criadas uma serraria, uma carpintaria, uma marcenaria, uma ferraria, e uma fábrica de telhas de cimento, a areia consumida na construção foi extraída do subsolo local e todo mobiliário inclusive o do Salão Nobre, foi feito na obra, assim como todos os ladrilhos, balaustradas, pedras plásticas e incrustações de mármore”. (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 38).

Segundo Paniago (1990) em 28 de agosto de 1926 foi concluído o Prédio Principal e se realizou a inauguração da ESAV, com a presença do Presidente da República Dr. Arthur da Silva Bernardes e de outros personagens importantes neste empreendimento como o Dr. Fernando de Mello Vianna, o Dr. Peter Henry Rolfs, o Dr. João Carlos Bello Lisbôa, etc.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Combate ao analfabetismo no Campus, localizado no anexo II, p. 76.

<sup>4</sup> Olaria, oficina e carpintaria, ver anexo II, p. 70.

<sup>5</sup> Inauguração da ESAV no anexo II, p. 78.

Podemos considerar esta primeira fase da construção da ESAV a princípio tortuosa e com pontuações positivistas valorizando o progresso e o desenvolvimento da modernidade, Nello de Moura Rangel em 1940 citou em relação à ESAV:

Louvados os que arrojam sementes aos punhados, generosamente, sem perguntar quantas se perderão, pensando somente que a menor, a mais pequenina delas, poderá ser fecundada e germinar. Louvados os que lutam de olhos no futuro, o espírito ao alto, nas exaltações supremas de um ideal. Louvados os que sonham. Louvados os que crêem. (RANGEL, 1940, apud BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 53).

“Na segunda fase do Campus ocorreu um vigoroso programa de envio dos professores da ESAV para a Universidade dos Estados Unidos “Colleges”, para que estes frequentassem cursos em nível de pós-graduação, com vista para o mestrado e o doutorado.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 65).

Ao retornarem, os primeiros professores fortalecidos pela filosofia “Land Grand Colleges” decidiram que estava na hora de transformar a ESAV em UREMG - Universidade Rural de Minas Gerais, contando com o apóio do Governador Milton Soares Campos e de seu Secretário da Fazenda, Dr. Américo René Giannetti, entre outros colaboradores. (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 66).<sup>6</sup>

“Américo René Giannetti atendeu de pronto a necessidade de construção de 40 casas para residência de professores, principalmente com a expectativa da vinda de professores norte-americanos e de suas famílias.”<sup>7</sup> (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 70).

O conjunto residencial foi construído na entrada do Campus e chegou a alojar 16 famílias de professores norte-americanos, sendo batizado com o nome de Vila Giannetti, em homenagem ao seu benfeitor.

“Sendo a casa de número cinquenta e dois, financiada pela Fundação Ford, construída em tempo recorde para alojar o representante da Ford durante o período do convênio celebrado entre a UREMG e a Fundação Ford.” (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 71). Convênio do qual afirmava o sucesso do projeto PURDUE – UREMG e UREMG – FORD visando o desenvolvimento da Universidade em troca de investimentos financeiros onde o Governo do Estado comprometia-se com razoável contrapartida:

Grandes obras foram realizadas nesta fase, como o suprimento da demanda de energia

---

<sup>6</sup> Foto do Governador Milton Soares Campos e de seu Secretário da Fazenda Dr. Américo René Giannetti entre outros colaboradores no anexo II, p. 92.

<sup>7</sup> Vista parcial da Vila Giannetti. Anexo II, p. 93.

elétrica para a UREMG e para a cidade através da CEMIG, destaca-se dentro destas obras a construção de alguns edifícios como a Biblioteca Central, o Instituto de Ciências Biológicas, o Instituto de tecnologia de Alimentos, o Dormitório Feminino, a Escola Superior de Florestas, Colégio Universitário, etc. Além de ter ocorrido à completa remodelação externa do Campus incluindo o paisagismo (represas).<sup>8</sup> (SABIONI; ALVARENGA, 2006, p.10).

A terceira fase de transformação do Campus inicia-se em 15 de julho de 1969, com a assinatura do Presidente Arthur da Costa e Silva federalizando a UREMG, sob a forma de fundação, com o nome de Universidade Federal de Viçosa - UFV.

O cenário do Campus foi modificado, com um número notável de construções, ampliação e recuperação de numerosas obras:

Pavimentou-se com o asfalto o sistema viário, construíram-se áreas de estacionamento, ergueram-se novos edifícios, tratou-se das redes de água potável e pluvial, das instalações elétricas e hidráulicas, enriqueceram-se os aspectos paisagísticos com represas, arborizações, gramados e jardins, tudo com o propósito de atender ao bem-estar dos estudantes, professores e servidores. (SABIONI; ALVARENGA, 2006, P.10).<sup>9</sup>

Segundo Paniago (1990) desta forma, foi consolidada a expansão do Campus, orientado de início pelo plano de desenvolvimento existente e depois acrescentado ou mudando de acordo com as necessidades e os recursos disponíveis.<sup>10</sup>

A construção da ESAV modificou a estrutura rural que vigorava no século passado para uma nova visão progressista de grande valor intelectual, trazendo consigo a desconstrução das formas passadas imateriais e materiais, causando através do tempo interferências nos hábitos, costumes, nos valores culturais da sociedade viçosense e da região, sob a sua influência também ocorreu grandes modificações urbanas nas áreas centrais na cidade de Viçosa.

Hoje o Campus conta com mais de quarenta cursos de graduação, com inúmeros programas de pós-graduação, de doutorado e com um total de mais de 18.000 estudantes, que interferem diretamente nos valores sociais, na economia e na estrutura urbana da cidade.

---

<sup>8</sup> Obras realizadas na UREMG nas décadas de 60 e 70. Anexo II, p. 96, 97, 98, 100 e 101.

<sup>9</sup> Sistema viário, situação de zoneamento, unidades implantadas, propostas de saneamento e zoneamento no anexo I, p. 63, 64 e 65.

<sup>10</sup> Plano de desenvolvimento físico do Campus no anexo I, p. 62.

### **3. A UFV E A SUA INFLUÊNCIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE VIÇOSA-MG**

Segundo Santos (1992) uma circunstância ou um elemento para ser considerado como novo é essencialmente representado pelas inovações, cuja matriz é dada pela ciência e pela técnica, ou seja, pelas comunicações modernas, seus mecanismos de acumulação, seus meios de transportes etc. Já o velho é formado pelos grupos sociais preexistentes, as suas formas particulares de organização social, econômica e de espaço. Neste contexto o velho constitui um obstáculo “natural” para a expansão capitalista, recebendo um tratamento especial, pois quando o velho não pode colaborar para a expansão do novo, a lógica do capital manda que este seja eliminado.

Viçosa se modernizava, saía da lentidão, se expandia e se comunicava com outras regiões. Neste contexto era necessário desconstruir o velho para construir o novo.

Movido pelo futuro, pelo progresso ou pela política o Presidente Arthur Bernardes iniciou a modificação da estrutura rural que vigorava em Viçosa. Maretas, picaretas, muars de burro, pedreiras, olarias e homens de pouco conhecimento na engenharia estavam reunidos em um sonho arquitetônico, uniu-se então o melhor dos dois mundos, trazendo para as montanhas das Minas Gerais a técnica, o conhecimento e a destreza do engenheiro Peter Henry Rolfs e do engenheiro João Carlos Bello Lisbôa, aos homens de boa vontade, os primeiros servidores da ESAV. Assim, foram fundadas as pilastras da construção do estudar, do saber, do agir e do vencer em Viçosa, fundadas literalmente!<sup>11</sup>

Iniciava-se então a (des)construção da cidade de Viçosa, uma cidade delimitada pelo seus pés de café, a estrutura rural que vigorava no século passado aos poucos foi se transformando e causando interferências nos hábitos e nos costumes da sociedade. A construção do Campus trazia consigo a desconstrução das formas passadas e as modificações no meio social, econômico e cultural da cidade e da região.

#### **3.1 O uso do solo na construção das edificações da ESAV**

Para Carlos (1992) o uso do solo está ligado a momentos particulares do processo da produção das relações capitalistas, onde o ser humano necessita dele para sobreviver ou ocupar

---

<sup>11</sup> Foto das quatro pilastras originais. Anexo II, p. 68.



um lugar no espaço, reproduzindo-o, transformando-o ou construindo uma nova forma, seu uso se dá de duas formas, a forma técnica e a forma social, sendo este solo disputado pelos vários segmentos da sociedade, gerando conflitos entre os indivíduos e o tipo de uso.

Para a construção de um projeto de grande dimensão física como a ESAV a terra deveria ser unificada, ficando encarregado o Procurador Geral do Estado Fernando de Mello Vianna de enfrentar a resistência passiva dos proprietários e tentar adquirir as terras necessárias. Sendo recomendado pelo Presidente Arthur Bernardes, como vimos anteriormente, que evitasse o máximo de desapropriações, adquirindo assim os terrenos pela compra, pois alguns dos proprietários eram seus adversários políticos.

Alves (1969) relataria que a compra muitas vezes se deu de forma involuntária e os donos das terras, tiveram que deixá-las para que este empreendimento realiza-se, em 1960 o Campus da UFV já possuía uma área de 1.325 hectares em contrapartida aos 453 hectares iniciais, cerca de 200% a mais. Em relação às características físicas do solo, o relevo do Campus foi definido por uma plataforma razoavelmente plana, desenvolvida entre os níveis de cotas 645 a 670.<sup>12</sup>

“A partir deste nível a plataforma foi envolvida por elevações abruptas que chegaram a atingir a cota de 780 (nível máximo), sendo este tabuleiro plano com formato de **T** o assoalho que recebeu os principais edifícios e onde se desenvolveu o sistema de circulação urbana da Cidade Universitária.” (ALVES, 1969, p.150).<sup>13</sup>

Alves (1969) afirma que ocorreu inicialmente à ausência de um órgão de planejamento, dessa forma as edificações foram implantadas no Campus na medida em que foram disponíveis os recursos e de acordo com as necessidades mais urgentes, tornando as distribuições dos edifícios e das atividades racional. Alguns pontos de tangência indesejáveis foram surgindo sendo um dos principais pontos indesejados, a compactação do solo para construção do sistema rodoviário e das edificações existentes, ocorrendo menor infiltração de água no solo na parte central do Campus, porém este ainda mantém grandes áreas verdes ao seu redor que absorvem as águas pluviais.<sup>14</sup>

Segundo os seus planejadores, a construção do Campus da ESAV foi formada de acordo com as necessidades da sociedade e a sua capacidade de produção em uma determinada época, sendo a solução para resolver o empirismo dominante na agricultura e da pecuária do passado.

Porém Souza (2010) questiona implicitamente: como, pois mudar a cidade?

“A questão é técnica”, insistem alguns; “a questão é política”, sustentam outros. A

<sup>12</sup> Situação do relevo do Campus indicando a plataforma adequada para as edificações. Anexo I, p. 62.

<sup>13</sup> Mapas do plano do desenvolvimento físico, situação de zoneamento e unidades implantadas. Anexo I, p. 62 a 65.

<sup>14</sup> Proposta para pedestres, jardins, bosques e arboretos. Anexo I, p. 66.

primeira resposta, tão ao gosto do “discurso competente” dos planejadores profissionais, é, essencialmente, falsa; a segunda, que é, no essencial, verdadeira, peca por subestimar a dimensão técnica (no sentido amplo do grego *techne*: a “habilidade no fazer”) ou, ainda melhor, técnico-científica, que deveria fazer parte da orientação de propostas de intervenção. O planejamento e a gestão devem ser vistos como *práxis*; como tal devem ser práticas lícitas e explicitamente auto-assumidas enquanto políticas, mas de algum modo, teoricamente fundamentadas. Mudar a cidade é uma tarefa coletiva. Esta frase, em qualquer circunstância uma obviedade, adquire maior conteúdo de verdade sob um ângulo autonomista, de vez que não se tratará então de impor soluções de cima para baixo, mas de construí-las democraticamente. [...] É certo, de todo modo, que mudar a cidade, a partir de um certo patamar de ambição, não depende só de forças e de trunfos inscritos na escala local, seja lá onde for. Repudiar uma ideologia localista ingênua, no estilo “pensar globalmente, agir localmente” (ou, ainda pior: pensar e agir localmente), é apenas uma das tentações a serem evitadas para que o planejamento e a gestão urbanos sirvam como meios efetivos de promoção do desenvolvimento urbano – aqui entendido como um processo de mudança social positiva no meio urbano, contemplando tanto as relações sociais quanto a espacialidade, visando ganhos crescentes de autonomia individual e coletiva e em que se consta uma melhoria da qualidade de vida e um aumento da justiça social. (SOUZA, 2010, p. 518-519).

A presença das quatro pilastras tornou-se um ponto estratégico e um divisor de águas entre o Campus e a cidade não ocorrendo uma ligação mútua entre ambos, além disso, a construção da ESAV não possuía um manual de planejamento urbano para a cidade de Viçosa, ao contrário da ESAV, a cidade cresceu em torno da Igreja Matriz Santa Rita de Cássia e mais tarde aleatoriamente nos bairros periféricos, sem um planejamento adequado, favorecendo as melhores terras centrais aos detentores da riqueza e do poder fazendo com que a terra não cumprisse com a sua função social de ser para todos.<sup>15</sup>

### **3.2 A construção de uma variante da Estrada de Ferro Leopoldina Railway**

A Prefeitura Municipal de Viçosa (1976) ressalta que em 1885 a Estrada de Ferro Leopoldina *Railway* passou pelo município, a estação ferroviária foi originalmente localizada na Violeira (Estação Velha) sendo afastada do centro de Viçosa e transferida em 1914 para a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, trazendo grande importância mercantil para a cidade, surgiram às fábricas de tecidos, um surto populacional e às vilas operárias.

---

<sup>15</sup> Foto das quatro pilastras (ponto estratégico e histórico da UFV) no ano de 2013. Encontra-se no anexo II, p. 111.

Segundo Paniago (2001) a construção dessa variante da Estrada de Ferro “Leopoldina Railway” ocorreu por influência de Arthur Bernardes, quando este foi Secretário de Finanças no Governo de Júlio Bueno Brandão. A variante da estrada de ferro possuía 18 km e o seu traçado percorria entre as estações de Cajuri e Teixeiras, passando pelo centro da cidade de Viçosa.

Antes mesmo da construção da ESAV, Arthur Bernardes já visava melhorias no sistema de transportes, sendo necessário construir o futuro e desconstruir os meios obsoletos de transporte do passado. A modernidade instigava o desenvolvimento do capital, da velocidade, da força do ferro, do ir avante de encontro com o futuro e com o transporte mais eficiente da época, o trem de ferro.

De acordo com Valverde (1958) em Minas Gerais o primitivo sistema de exploração e das relações de produção estava ligado ao sistema de transportes, sendo a Estrada de Ferro Leopoldina Railway um importante fator na economia da Zona das Mata:

Nunca se deu aí um exemplo como o do Noroeste do Brasil, no planalto paulista, que avançou sobre a mata virgem. A rede de estradas de ferro cresceu, entretanto de maneira desordenada, caótica, devido a vários fatores: falta de plano diretor único, seguido por diversos governos do estado, constituição de várias pequenas empresas privadas independentes e, por fim, o relevo em geral fortemente ondulado, típico das rochas cristalinas em clima tropical úmido. Nestas condições, quando a Leopoldina Railway conseguiu encampar todas as pequenas companhias, viu-se a braços com um dedalo de linhas e ramais. Tal desenvolvimento teve, sem dúvida, como resultado um aumento espetacular da produção [...] se refletindo na exportação e na produção do café da Zona da Mata. (VALVERDE, 1958, p. 31).

Paniago (1990) ressalta que a expansão da cidade de Viçosa coincidiu com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, principal via férrea da Zona da Mata e de grande fator de integração dos municípios.

As pequenas residências, suas bodegas, seus mercadinhos e açougues mal cheirosos foram se espalhando ao longo do curso da ferrovia, oferecendo serviços a quem precisasse. A expansão cafeeira levaria a uma nova redistribuição demográfica da Zona da Mata, as locomotivas da estrada de Ferro Leopoldina passaram a transportar grandes quantidades de café por toda região.

“Antes se gastavam meses de viagem para cobrir uma distância relativamente pequena, quando a da estrada de Ferro Leopoldina *Railway* galgou sobre a serra de São Geraldo, atingindo Ponte Nova em 1886 e passando por Viçosa, a estrada de ferro funcionou como um incentivo para o aumento da plantação do café em toda região.” (PANIAGO, 1990, p. 30).

Segundo Valverde (1958) todo o café produzido em Minas, era conduzido para os portos por tropas de muares sendo necessário a importação, no decênio terminado em 1862, de um total de 150.000 bestas de carga, o transporte por muares não estendeu indefinidamente as suas linhas; sendo que em 1867, a estrada de ferro chegou a Entre Rios (atual Três Rios) no limiar da Zona da Mata:

Daí, por diante, as tropas se deslocavam apenas entre as áreas de produção e as estações terminais. O trem era um meio de transporte barato, de grande capacidade de carga e muito rápido. Portanto, êle estimulava a penetração maior das fazendas de café, fazendo avançar mais depressa a frente pioneira. Em 1818, Minas exportou 9.739 arrôbas e em 1867/68 foi para 2.149.354 arrôbas. Ésse notável progresso econômico encerrava em seu bôjo certas contradições e resultaram em mudanças na estrutura social. (VALVERDE, 1958, p. 31-32).

A ferrovia foi uma atividade que criou grande força de trabalho para a população local, viabilizando as operações financeiras do café em toda região, encurtando o tempo e o espaço, ligando os municípios. Assim, as grandes locomotivas passaram a riscar o céu da cidade de Viçosa de fumaça negra e a cortar o silêncio com o barulho do trem de ferro, a modernização havia chegado e junto com ela o presságio de um futuro próspero.

Em 1914 a ferrovia atravessaria toda a cidade em toda a sua extensão, e de acordo com a Prefeitura Municipal de Viçosa (1976) materializaria uma visão de desenvolvimento urbanístico, habitacional e no comércio local. A abertura da ferrovia abriria novas possibilidades de crescimento na cidade, surgiram os primeiros hotéis e hospedarias no logradouro.

Segundo Alves (1969) quando os terrenos da ESAV foram seccionados pela Estrada de Ferro Leopoldina, a sua topografia favoreceu a sua implantação no sentido Noroeste-Sudeste, com uma trama viária que percorreu a sua via férrea paralela à Avenida P. H. Rolfs indo em direção à cidade.<sup>16</sup>

Para Alves (1969) a partir desta espinha, o sistema viário do Campus foi se organizando pela sua malha ortogonal, contida apenas pelo relevo natural. Esta ordenação com o tempo se diluiu na trama viária da cidade, porém o seu traçado se deu de forma vulgar, desordenado, onde as construções foram se desenvolvendo no seu percurso.

A Estrada de Ferro Leopoldina Railway tornou-se a grande responsável por derrubar as fronteiras existentes no tempo e no espaço, gerando novas possibilidades de crescimento para a cidade de Viçosa interligando-a aos municípios vizinhos e ao mesmo tempo dividindo a cidade de forma antagônica.

---

<sup>16</sup> Campus foi seccionado pela Estrada de Ferro Leopoldina, anexo II, p. 78.

Além disso, com a estrada de ferro ocorreu um dos principais impactos ambientais da Zona da Mata Norte, com a grande demanda de madeira (como exemplo, a destruição da mata nativa da Serra de São Geraldo) para a produção de dormentes para fixar os trilhos da linha férrea e para a produção de combustível (carvão) que sustentava as imensas e pesadas locomotivas que cortavam e redesenhavam a cidade de Viçosa e região.

### **3.3 A destruição da mata nativa com a economia do café**

Segundo Paniago (1990) a expansão do café na Zona da Mata mineira no final do século XIX e em princípio do século XX foi fundamentalmente extensiva, pautando-se por uma busca constante de novas terras para o plantio.

Aos olhos de Valverde (1958) o café remodelou a paisagem da Zona da Mata:

Pelas encostas das vizinhanças, estendiam-se os cafezais quase sempre de forma quadrangular, cujos arbustos se alinham em fileiras paralelas segundo as linhas de declive. A Zona da Mata jamais conheceu cafezais muito extensos; nada que se assemelhasse a paisagem de “mar de café” do planalto paulista. As culturas, embora numerosas, ocupam áreas relativamente pequenas. São formadas à custa do solo florestal cuja mata é derrubada. Quando o cafezal é novo plantam-se culturas intercaladas de feijão, arroz e, mais comumente o milho. Esquemáticamente, assim se pode delinear a paisagem das novas regiões cafeeiras do século passado, na Zona da Mata: nos morros e encostas mais altas, ficava a floresta; nas vertentes inferiores, o café, isolado quando adulto, e com cultura intercalares, quando novo; nos vales, pastos, fazendas, currais, estradas, etc. Paisagem humanizada, enfim. (VALVERDE, 1958, p. 30-31).

De acordo com Paniago (1990) na região de Viçosa a expansão do café coincidiu com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, como já fora dito o transporte antes era realizado por meio de tropas de mulas e carros de boi, através de caminhos montanhosos e arriscados, gastando-se meses para se percorrer poucas distâncias. Com as locomotivas, grandes quantidades de café passaram a ser transportadas para diversas regiões e conseqüentemente grandes áreas de mata nativa dentro do Campus, na cidade de Viçosa e nas regiões da Zona da Mata Norte foram destruídas para o plantio do café.

Paniago (1990) ressalta que em 1913 a produção cafeeira diminuiu na região de Viçosa, tendo a ESAV como um dos seus objetivos acabar com o empirismo local, melhorar e ativar novamente o plantio do café, porém em 1938 o café praticamente desapareceu.

Dentro do campus da UFV, desde os primórdios de sua fundação como ESAV ocorreu o incentivo da cultura e o plantio do café, desmatando grandes áreas em locais conhecido hoje como o Recanto das Cigarras (Belvedere), Vale da Agronomia e próximo a Vila Giannetti se estendo para atrás do Departamento de Biologia até o Departamento de Eng. Florestal.<sup>17</sup>

Em relação à destruição da mata nativa da Zona da Mata e da decadência do café, Valverde (1958) relatou:

No entanto, Viçosa e Ubá, como municípios de povoamento velho, chamam a atenção pelos sintomas de decadência, sobretudo pelas áreas de pastos e capoeiras. [...] Na parte oeste da Zona da Mata a frente pioneira do café já tinha extravasado para Ponte Nova, onde se encontravam muitas matas virgens, bons pastos, engenhos e cafezais com altos rendimentos, bem como outros ainda novos, sem produção [...] As terras de matas estão no fim, e não se percebe nenhuma tendência a ressurreição do café. Ele é uma lavoura em decadência e foi o trabalhador rural que mais sofreu as consequências desse declínio. O fazendeiro salvou de maneira bem satisfatória a sua economia, apoiando-se na pecuária leiteira e na exploração agrícola indireta. [...] As datas que muitos indicam como do advento da pecuária passou a sobrepujar o café, por causa da decadência deste, é por volta de 1910-1912. [...] Em relação à cidade de Viçosa, esta possui o esquema do uso da terra, uma das áreas se encontra ao seu sudeste, tendo cada área entre dois e vinte alqueires. É uma gente pobre que cria gado de corte, de maneira extensiva, Cultivam ainda um pouco de café, e têm lavouras de subsistência, principalmente de milho, cultivado pelo sistema de roças. O conjunto de técnicas extensivas empregadas por estes sítiantes leva a supor que suas propriedades resultam do fracionamento de latifúndios por herança, tendo os seus sistemas agrícolas se mantido por tradições. (VALVERDE, 1958, p. 34, 46-50).

De acordo com Valverde (1958) onde quer que tenha havido a cultura dos cafezais descobertos, eles se revelaram um sistema esgotante, deslocando-se por isso gradativamente para as partes mais afastadas dos mercados ou dos entrepostos:

Ao norte e nordeste da zona dos latifúndios de pecuária ficam as áreas propriamente cafeiras da Zona da Mata. [...] De Coimbra para o leste estende-se a subzona de Ervália, que compreende as terras situadas no nível de erosão dos 800-900 metros detendo-se na beira da escarpa da Serra de São Geraldo. Embora esta seja uma área de ocupação velha, o café ainda se mantém aí como principal cultura. [...] Onde quer que se tenha havido a cultura de cafezais descobertos, eles se revelam um sistema esgotante, deslocando-se por isso, gradativamente para as partes mais afastadas dos mercados ou

---

<sup>17</sup> Vista aérea do Campus, demonstrando plantação de café próximo a Vila Giannetti. Anexo II, p. 102.

dos entrepostos. Não é, portanto, de admirar que, na Zona da Mata, as zonas cafeeiras estejam em seus confins do norte e nordeste. É aí que os cafezais alcançam os maiores rendimentos e duram mais tempo, dentro do âmbito regional. Estas vantagens permitem ao trabalhador rural conseguir condições de vida um pouco melhor. Hoje em dia, a principal área cafeeira nesta parte do Brasil há muito extravasou da Zona da Mata, e se encontra no norte do rio Doce, no território litigioso entre Minas e Espírito Santo. (VALVERDE, 1958, p. 57 e 60).

Segundo Paniago (1990) tardiamente em 1971 foi instalado no município, o Escritório do Instituto Brasileiro do Café, sendo a cidade de Viçosa incluída no “Plano de Revolução Cafeeira” e determinando que a região fosse apta para o plantio.

Com o crescimento da cidade, as poucas plantações de café que restavam se tornaram periféricas saindo praticamente de todo período urbano de Viçosa, pouco se fez para recuperar a mata nativa, muitos terrenos deram espaços para as plantações de capim gordura e posteriormente para as construções, em relação ao Campus da UFV grandes áreas foram recuperadas através do plantio de árvores nativas (segunda natureza).

### **3.4 Em nome da educação (eis a questão)**

Nos primeiros tempos de formação educacional de Viçosa, segundo Paniago (1990) o trabalho educacional era rudimentar, onde o ensino era ministrado pelo “mestre de escola” em estabelecimentos particulares, em geral a própria residência do professor.

De acordo com Paniago (1990) o ensino dos alunos se limitava à aprendizagem de leitura, das operações fundamentais da aritmética e às vezes ao catecismo, em seguida foram construídas as primeiras escolas públicas, com os alunos separados por sexo, onde mais tarde tornaram-se escolas mistas, com um currículo variado (incluindo a língua latina) e com um ensino de primeira qualidade.<sup>18</sup>

Paniago (1990) ressalta que naquele tempo não havia classes separadas e muitas vezes, uma única professora lecionava para as quatro séries primárias (ensino fundamental) conhecidas como “Escolas unitárias”, comuns até hoje na zona rural, as faltas escolares eram altas, pois os alunos geralmente da zona rural, precisavam trabalhar para ajudar os seus pais, e em relação aos pais, estes se quer podiam comprar o material escolar, devido às suas dificuldades financeiras, não adquirindo as cartilhas para os estudos iniciais da alfabetização de seus filhos.

---

<sup>18</sup> Os primeiros educandários de Viçosa. Anexo III, p. 113.

O aprendizado dos alunos viçosenses a princípio foi de grande dificuldade, basta observarmos os relatos de um idoso viçosense:

A vida era muito dura, sem fundos econômicos para o transporte escolar, onde os alunos andavam por horas pelas estradas de terra, sob a luz do luar, sob forte tempestade ou sob o sol escaldante, em seu trajeto escolar. Além disso, muitos alunos tinham somente um embornal (espécie de sacola de tecido para o transporte de alimentos e materiais escolares), muitos não tinham contatos se quer com papéis para a realização de suas tarefas escolares, ficando estas relatadas em uma espécie de pequeno quadro negro, onde a lição era escrita, porém apagada para os próximos ensinamentos. Os castigos eram rígidos e constantes, contando às vezes com a falta de paciência dos professores já sobrecarregados, que castigavam os seus alunos com palmatórias, colocavam estes ajoelhados em grãos de milho ou os isolavam dos demais alunos da sala de aula. Por outro lado encontravam-se os alunos fatigados pelos trabalhos domésticos, pelas longas caminhadas, sem vestimentas adequadas (muitos alunos andavam descalços), sem materiais escolares ou sem alimentação. (SANTOS. Sebastião de O. Viçosa, 1992. Entrevista concedida a R. Bernardes).

Segundo Paniago (1990) os anseios políticos da família do futuro presidente Bernardes, fizeram com que eles percebessem o poder da educação, assim começaram a construir as primeiras escolas públicas na cidade de Viçosa, antes mesmo da construção da ESAV.

Sendo a Escola Coronel Antônio da Silva Bernardes (CASB) a primeira escola pública de Viçosa, instalada em prédio próprio, em 30 de setembro de 1922, situado na Praça Silviano Brandão e hoje funcionando na Rua Benjamim Araújo, nº 71.<sup>19</sup>

Outra instituição do ensino que foi criada em Viçosa segundo Paniago (1990) foi o “Gymnasio de Viçosa”, instalado em primeiro de outubro pelo Professor Alípio Peres, que veio para a cidade a convite do Dr. Arthur Bernardes, mais tarde entregando a direção do estabelecimento para o Dr. Emílio Jardim de Rezende, posteriormente em sua homenagem Viçosa ganhou uma praça com o seu nome.<sup>20</sup>

A partir de 1919, o estabelecimento começou a receber Bancas Examinadoras organizadas pelo Departamento Nacional de Ensino do Ministério da Educação, constituído por professores vindos do Rio de Janeiro, com o tempo o “Gymnasio de Viçosa” passou a adquirir grande prestígio educacional, atraindo alunos de todo o país.

---

<sup>19</sup> Escola Coronel Antônio da Silva Bernardes (CASB) a primeira escola pública de Viçosa, instalada em prédio próprio, em 30 de setembro de 1922, situado na Praça Silviano Brandão. Foto no anexo III, p. 128.

<sup>20</sup> Em primeiro de outubro de 1913 é instalado o “Gymnasio de Viçosa”, foto no anexo III, p. 126.



Com o tempo outras instituições de ensino foram sendo construídas na cidade, de acordo com Paniago (2001) em 1914 foi fundada a Escola Normal, em 1917 a sua direção passou para as Irmãs Carmelitas da Divina providência, recebendo a dominação de “Escola Normal Nossa Senhora do Carmo”.<sup>21</sup>

Em 1918 outra instituição educacional foi fundada, denominada Escola Agrícola Arthur da Silva Bernardes-EAAB, sendo inaugurada somente em sete de novembro de 1927, mais tarde nomeada de Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor-FUNABEM e posteriormente seu espaço foi recriado em Centro Tecnológico de Viçosa-UFV (Centev-UFV).<sup>22</sup>

Arthur Bernardes assumiu a Presidência da República sob o estado de sítio, durante os anos seguintes uma série de lutas contra as forças legislativas ocorreram, em uma época tão conturbada, o presidente Bernardes descobriu o valor da educação como um elo fundamental para a sua gestão, sendo a educação um divisor de águas, que criaria relevantes impactos sociais e físicos na cidade de Viçosa, desconstruindo o tempo passado e modificando o seu espaço definitivamente:

Não se pode negar o fato de ser a educação um poderoso fator de mudanças socioculturais. Contudo, ela assim se afigura somente quando aliada a outros fatores de igual importância, tais como religião, política e, sobretudo, economia. Atribuir à educação a primazia do desenvolvimento ou a qualidade de mola-mestra de mudanças socioculturais é supervalorizar o seu poder, e isso é tão pernicioso quanto ignorá-las ou relegá-la a segundo plano entre as forças que dinamizam a cultura e direcionam atitudes relativas às mudanças. Como Instituição, a educação é um todo complexo de normas, valores, ideias, ideologias e hierarquias, que fazem dela um sistema apreciável sob vários aspectos ou facetas. (PANIAGO, 1990, p. 131).

Em meados de 1930, época da construção da ESAV, a educação e a política engajaram-se definitivamente, Fonzar (1979) relata que esta união fez com que os valores vigentes entrassem em choque:

O período conhecido como o da nova educação no país ocorreu entre 1932 e 1971, neste contexto a década de trinta marcou uma fase de agitação na história pedagógica brasileira. Os quarenta e três anos de República (1889-1932) não haviam ainda conseguido criar um sistema de organização escolar condizente com as necessidades do país. Não tinha ocorrido um maior interesse por parte do Governo em conjugar a política econômica com a política educativa. [...] Educadores da época analisaram educação e lançaram ao povo e ao governo um manifesto em que foram expostos os

---

<sup>21</sup> Escola Normal Nossa Senhora do Carmo. Anexo III, p. 127.

<sup>22</sup> Patronato Agrícola Arthur da Silva Bernardes sendo inaugurado somente em sete de novembro de 1927, mais tarde nomeado de Fundação Nacional do Bem Estar do Menor e posteriormente o seu espaço foi recriado em CENTEV-UFV. Fotos no anexo III, p. 130-131.

novos ideais da educação. Os signatários dessa Carta Pedagógica defendiam nela a “laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação”, como decorrência da tese que afirma a necessidade duma escola pública comum ou única, no sentido de oferecer a todos os cidadãos de sete a quinze anos uma educação comum, igual para todos. Ocorrendo assim, uma tentativa de conciliação entre o humanismo e o pragmatismo, em que se procurou harmonizar a teoria com a prática, a contemplação com a ação e aos valores espirituais com os valores temporais. A educação e a política engajaram-se definitivamente e os meios de produção na economia passaram a definir correntes educacionais diversas [...] os valores entraram em choque, num pluralismo político e educacional, gerando uma fase de transição que influenciou a dinâmica cultural na qual se vislumbrou a gênese de uma nova ordem sócio-econômico-cultural na história brasileira. Valores e cultura se entrelaçaram nos meandros da educação. (FONZAR, 1979, apud PANIAGO, 1990, p. 136- 137).

Com o passar do tempo, de acordo com Paniago (1990) outra escola que se destacou em Viçosa foi o COLUNI:

Criado nos termos do 3º art. nº IV B, do Estatuto da Ureng, em vinte de dezembro de 1961, o Colégio Universitário – COLUNI, sendo a sua criação aprovada pelo Conselho Universitário em 26 de dezembro de 1965. Com o objetivo de ministrar o ensino colegial, visando fundir um sistema capaz de preparar o estudante para a vida universitária, o COLUNI se propõe a atingir a melhor qualidade do ensino do segundo grau e pré-universitário na comunidade local e regional. Além disso, desenvolver o hábito do estudo e da pesquisa e discriminar aptidões para os estudos superiores, estando ligada diretamente pela Pró-reitora de Ensino do Campus, tendo como resultado um índice significativo de aprovações nos vestibulares das universidades e faculdades mais concorridos do país. (BORGES; SABIONI; MAGALHÃES, 2000, p. 91-92).

Apesar de toda proposta educacional do COLUNI, esta instituição educacional se manteve altamente seletiva ao propor o exame de seleção, excluindo os alunos com pouco rendimento escolar, em grande parte os estudantes viçosenses, não realizando a principal função da educação de ser universal, ou seja, a educação deve ser igualitária e socialmente distribuída para todos.

Em relação às escolas públicas de Viçosa, assim como as escolas públicas de várias cidades no Brasil, estas ainda mantinham alta qualidade de ensino e aprendizagem até o fim dos anos setenta e meados dos anos oitenta, iniciando a sua decadência educacional desde a instalação do militarismo no país, vindo a se tornarem totalmente obsoletas com a grande influência da política neoliberal que foi se instalando no país pós-militar, proporcionando um grande campo para as escolas particulares em Viçosa.

Hoje, em nosso tempo contemporâneo, a qualificação e a multifuncionalidade humana

passaram a ser requisitos fundamentais para inserção no mercado de trabalho, favorecendo somente o aluno qualificado, em busca desta inserção surgiu um grande número de alunos que passaram a frequentar as escolas particulares e os cursinhos, criando uma verdadeira indústria educacional em Viçosa. Contradizendo, assim, o sentido universal do saber, onde este deve ser transmitido para todos, através da educação igualitária e de qualidade.

Nestes enlaces do sistema educacional viçosense, a UFV se transformou em um dos maiores patrimônios culturais do país, modificou a cidade socialmente, economicamente, estruturalmente criando novas perspectivas, como já fora citado, oferta de empregos, renda direta e indireta, transformando Viçosa em um dos principais celeiros do capital cultural de Minas Gerais e se tornando uma instituição educacional respeitada em várias partes do mundo.

### **3.5 Recriai o solo da província de Viçosa (e o verbo recriar se fez razão)**

Em relação às estruturas urbanas da cidade Paniago (1990) ressalta que as ruas eram lamacentas, iluminadas por setenta lâmpadas belgas de querosene, onde somente em 1912 a Câmara firmou contrato com a Casa Vivaldi para fornecimento de luz ao município por vinte e cinco anos e sobre estas ruas se encontravam as casas de telhados de biqueiras.

A cidade era formada por um conjunto de fazendas, de cunho social altamente conservador, controlada pela política local dos coronéis e submetida a dogmas religiosos, seus dirigentes ainda não tinham a pretensão de planejar o seu desenvolvimento espacial, pois praticamente eram supridas as necessidades do vilarejo.<sup>23</sup>

Devido a construção da ESAV em Viçosa, há oitenta e sete anos atrás, ocorreram conseqüentemente sob sua influência diversas modificações sociais, econômicas e espaciais na cidade, sendo aqui analisado a (des)construção das áreas centrais de Viçosa, dando destaque para a Praça Silviano Brandão, a Rua Virgílio Val, a Rua Senador Vaz de Melo, a Av. Peter Henry Rolfs, a Rua dos Estudantes, a Rua Padre Serafim, a Praça do Rosário, a Avenida Bueno Brandão e a Rua Álvoro Gouvêia, todas ligadas ao processo do desenvolvimento histórico e urbano da cidade.

Com a construção da ESAV, novos horizontes sócio-espaciais surgiram e a cidade começou a se desenvolver nas áreas centrais, porém com uma urbanização mais aleatória e negligente salutar nos bairros periféricos.

---

<sup>23</sup> Vista geral da cidade em 1898. Foto no anexo III, p. 112 e vistas parciais da cidade no anexo III, p. 113, 133, 134 e 137.

Segundo Souza (2010) o planejamento de uma cidade é algo que não se pode abdicar, independente do modelo e do grau de complexidade material de qualquer sociedade, pois quando se abri mão do planejamento caminhamos em sentido errado e incompatível com a vida social organizada.

“Planejar é sinônimo de conduzir conscientemente, não existe então alternativa ao planejamento. Ou planejamos ou somos escravos da circunstância. Negar o planejamento é negar a possibilidade de escolher o futuro, é aceitá-lo seja ele qual for.” (MATUS, 1996, apud SOUZA, 2010, p. 47).

Aos olhos de Valverde (1958) a urbanização de Viçosa desenvolveu-se da seguinte forma:

Quando se visita a região da Zona da Mata, chama a atenção à série numerosa de núcleos urbanos do tipo “*strassendorf*” (agrupamento linear, ao longo de uma rua), enquanto outros não obedecem rigorosamente ao padrão linear, embora tenham uma estrutura alongada. Há um outro padrão que tem o tipo “*castrum*” das regiões cafeeiras e que Deffontaines, chamou de “*ciudades-patrimônio*”, porque resultam de um patrimônio de terras, doado à igreja por um ou mais fazendeiros, para nêle se erguer uma capela. O patrimônio tem dimensões estabelecidas, que são suficientes para se abrir uma praça com casas em volta. A capela é construída, geralmente, fora do centro; fica mais próxima do meio de um dos lados, mas voltada para a praça, em posição proeminente. Dos vértices do quadrilátero, saem as ruas. O “*castrum*” tem a função social que a igreja exerce, mas isso não impede que se lhe acrescentem outras funções, como comercial. Há ainda o tipo “*xadrez*”, certo planejamento urbanístico que talvez se tenha inspirado no “*castrum*”. Viçosa parece ter um traçado urbano oriundo do tipo “*castrum*”. Realmente, o povoado teve início ao redor da capela do patrimônio de Santa Rita, daí saindo às Ruas Senador Vaz de Mello, Arthur Bernardes, Virgílio Val e Benjamin Araújo (vértices do quadrilátero). De fato, em Viçosa, a cidade cresceu e se multiplicou em direções variadas, de tal forma que seu aspecto original quase foi inteiramente mudado. Em muitas cidades desenvolvidas, a malha de arruamentos que se acrescentam ao plano inicial é tão complicada que se torna difícil discernir a origem. Neste caso, tem-se um padrão “complexo”, como em São João Nepomuceno, em Santos Dumont, Cataguases e Viçosa. (VALVERDE, 1958, p. 64, 68-69).

Viçosa cresceu em torno de suas primeiras áreas centrais que ofereciam algum tipo de estrutura urbana construindo na paisagem uma forma urbana que supria as necessidades sociais e locais, seu núcleo urbano se tornou com o passar dos anos em um ponto histórico da cidade, guardando em sua arquitetura os fragmentos do passado.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Vista parcial do centro da cidade de Viçosa – MG em 1939, 1941, 1945 1950. Anexo III, p. 139 a 142.

Em relação ao espaço central da cidade Varni (2006) afirma a sua importância:

As áreas centrais, como nenhum outro fragmento urbano, são as que melhores representam a evolução de uma cidade, já que concentram os sedimentos urbanos que reconstróem sua memória, incluindo em geral aqueles relacionados com a sua origem. [...] É por isso que esses espaços têm estado historicamente cheios de conteúdo simbólico, as áreas centrais tem funcionado como o grande salão da cidade, o espaço de encontro de seus habitantes, onde se produz a socialização e o intercâmbio. [...] O espaço público é cívico por excelência, em contraposição ao espaço privado, os espaços centrais têm propiciado historicamente a convivência de funções e estratos sociais diversos, abrigando atividades políticas, religiosas, culturais, econômicas, sociais, residenciais. Mas, sem dúvida, sua estrutura e funcionamento foram se tornando mais complexos com o crescimento acelerado e desmedido da maioria das formações urbanas de dimensões consideráveis, sofrendo mutações que as foram esvaziando do conteúdo simbólico e polifuncional. (VARNI, L. apud SILVA, 2006, p. 170-171).

Como foi descrito o centro de uma cidade vai além do lugar de encontro, pois também pode ser considerado como uma verdadeira cápsula do tempo, um *remake* do passado, devendo este não somente ser um objeto de investigação, mas também ser um elemento de preservação, a exemplo disso, temos em Viçosa a Praça Silviano Brandão que com o passar do tempo foi adquirindo diversas formas, mas ao mesmo tempo possui os seus fragmentos históricos preservados em determinadas edificações.<sup>25</sup>

A Igreja Santa Rita e a Praça Silviano Brandão serviram para vários eventos sociais, econômicos e religiosos no passado, a praça também abrigava a antiga feira da cidade, que foi removida para a Avenida Santa Rita e atualmente se encontra na Rua Gomes Barbosa, nos arredores do Colégio de Viçosa. Assim, a praça se tornou o principal local de encontro dos viçosenses, cumprindo com o seu dever urbano de socialização e humanização dos locais públicos.

Segundo Alva (1997) a partir dos anos 30, a substituição do modelo agroexportador pelas importações industriais e pela introdução da agricultura moderna, de capital relativamente intenso, provocou o aumento das taxas de urbanização nas cidades.

Em Viçosa, os cursos de nível superior eram elitistas, deixando a grande maioria desqualificada para os cargos atraentes de trabalho, mantendo um exército de pessoas com condições econômicas reduzidas, geralmente vindas da zona rural, não conseguindo adquirir os

---

<sup>25</sup> Praça Silviano Brandão em 1916, localizada no centro da cidade de Viçosa. Anexo III, p. 132 e fotos da arquitetura que prevalece na Praça Silviano Brandão no ano de 2012. Anexo III, p. 167-168.

lotes centrais, ficando estes restritos as classes médias e altas. Temos então, desde a década de trinta, não somente o princípio da formação do traçado urbano da cidade, mas também o início da segregação urbana viçosense que aumentou relativamente com o passar dos anos.<sup>26</sup>

Até a década de 30, ocorreu um considerável desenvolvimento urbano em Viçosa, foram criados um grande número de escolas públicas, praças, pavimentação das ruas centrais etc.<sup>27</sup> Surgiram às primeiras residências da Av. Bueno Brandão, sendo os seus proprietários na maioria médicos, comerciantes e fazendeiros do café.<sup>28</sup>

Segundo Paniago (1990) em 1940 a economia da cidade era baseada no comércio (lojas de tecidos, eletrodomésticos, cinemas, bares etc.) na produtividade de pequenas fábricas, na venda do café para as cidades vizinhas e na venda dos produtos da zona rural, onde os agricultores locais vendiam os seus produtos na feira, que se localizava na Praça Silviano Brandão.

Em relação ao modelo arquitetônico residencial que prevalecia na Zona da Mata e na cidade de Viçosa Valverde (1958) relatou:

Até a abolição, as construções rurais da Zona da Mata reproduziram fielmente aos modelos do Vale do Paraíba: a casa grande, vasta, quase sempre de dois pavimentos; muitos quartos, paredes grossas, janelas de guilhotina envidraçadas e telhas das grandes, formando largos beirais, com telhas de meia calha. Às vezes tem uma varanda atrás ou do lado, dando para o terreiro, que é um grande quadrilátero cercado pelas casas da senzala. (VALVERDE, 1958, p. 30).

Até os meados da década de 40 a cidade permanecia totalmente horizontal, com as suas residências espaçosas, em grande parte herança do estilo colonial português citado por Valverde, formadas por telhas de cerâmica, tijolos de barro, pé direito alto, inúmeras janelas de madeira que possibilitavam a ventilação e a iluminação, cisternas ou minas de águas ainda não contaminadas, e grandes quintais com hortas e árvores frutíferas.<sup>29</sup>

A partir dos anos de 1950 inicia-se a verticalização central da cidade, com edificações de até quatro andares, em grande parte seus proprietários também eram os médicos, comerciantes, dentistas e os fazendeiros donos de grandes extensões de terras e plantações de café que foram

---

<sup>26</sup> Vista panorâmica de Viçosa na década de 20. Anexo III, p. 133.

<sup>27</sup> Implantação de diversas escolas em Viçosa, anexo III, p. 125 a 131 e Praça Silviano Brandão, anexo III, p.132.

<sup>28</sup> Vista parcial do centro, demonstrando as primeiras residências da Av. Bueno Brandão. Anexo III, p. 140.

<sup>29</sup> Vista parcial da cidade com suas edificações totalmente horizontais em 1945. Anexo III, p. 140-141.

remanejadas para as cidades vizinhas, saindo das proximidades da cidade.<sup>30</sup>

Nos anos de 1960, segundo a Prefeitura Municipal de Viçosa (1976) o crescimento da construção civil nas áreas centrais foi um dos fatores responsáveis por surgir o êxodo rural em Viçosa, trabalhadores com pouca experiência vieram tentar a sorte nas primeiras construções verticais de quatro andares, da cidade ocorrendo assim, um aumento considerável de habitantes nos bairros na região central, nos sub-centros e nas regiões periféricas de Viçosa, sucessivamente também ocorreu um aumentado econômico, principalmente no ramo da construção civil.<sup>31</sup>

De acordo com a Prefeitura Municipal de Viçosa (2010) na década de 1970 com a chegada da BR 120 abriu-se um novo vetor de crescimento na cidade abrangendo a região dos bairros Santo Antônio, João Braz e Silvestre, novamente de forma espontânea, idêntica às expansões anteriores, sem um planejamento urbano adequado.

Segundo Alva (1997) a partir dos anos de 1970 surgiu nas cidades o proletariado urbano de origem rural que criou um novo setor de demanda de habitação e serviços conexos e que ficou fora do mercado imobiliário tradicional. As economias das cidades passaram a ser solicitadas por três tipos de demandas:

A primeira demanda originada pela expansão social que participa do crescimento econômico e que satisfaz as suas necessidades através de um mercado imobiliário fortemente influenciado pela concentração da propriedade da terra. A segunda demanda constituída pelas classes assalariadas de baixa renda, geralmente excluída do mercado livre [...] e a terceira demanda, com o pior índice de renda, originada pelas necessidades básicas de uma população econômica e institucionalmente marginalizada pelos outros grupos. (ALVA, 1997, p. 51).

Essas demandas econômicas e sociais passaram a influenciar diretamente na construção do espaço, em Viçosa surgiu o bairro de Nova Viçosa, uma grande área de segregação sócio-espacial, com o intuito de criar moradias de baixa renda fora do perímetro urbano central.<sup>32</sup>

Segundo a Prefeitura Municipal de Viçosa (2010) desde os anos oitenta a cidade entrou em uma fase que pode ser considerado o seu quarto período de expansão, transformando-se em um verdadeiro canteiro de obras, principalmente nas áreas planas, onde a valorização dos imóveis urbanos atingiu níveis iguais ou superiores aos valores dos imóveis da capital de Belo Horizonte.

---

<sup>30</sup> Nota-se o início da verticalização nos anos de 1950 com edificações de até quatro andares, o Ed. Panorama, o primeiro edifício com elevador da cidade ainda não existia. Anexo III, p. 142.

<sup>31</sup> Vista aérea central de Viçosa nos anos sessenta. Anexo III, p. 156.

<sup>32</sup> Vista parcial do Bairro de Nova Viçosa, que abrigou os menos abastados economicamente nas áreas mais periféricas da cidade. Anexo III, p. 157 e vista parcial do bairro de Nova Viçosa em 2013 no anexo III, p. 158.

Um fator relevante para tal expansão imobiliária foi que em tempos passados os condicionantes ambientais e tecnológicos defasados impediam a ocupação dos espaços com mais declividade, dos espaços de solos frágeis ou dos espaços próximos aos mananciais, sendo essa realidade modificada com o passar dos anos.

Outro fator importante, para que ocorresse a expansão imobiliária viçosense, foi à estabilidade econômica de nosso país a partir dos anos noventa juntamente com o desenvolvimento técnico-científico-informacional que ajudou a alavancar vários setores produtivos, inclusive o da construção civil.

A partir dos anos de 2000/2001 ao ano de 2013, ocorreu um grande avanço espacial na construção civil em Viçosa, em curtas palavras uma explosão brutal imobiliária, onde a expulsão dos antigos moradores das áreas centrais para as áreas periféricas foi inexorável.<sup>33</sup>

Os pólos aglutinantes do centro e da Universidade Federal de Viçosa, foram ocupados pelos moradores que possuíam as melhores condições financeiras, este avanço arquitetônico também trouxe consigo a super valorização dos imóveis centrais e um aumento dos aluguéis beneficiando os donos destes imóveis, principalmente os imóveis oferecidos para os estudantes da Universidade Federal de Viçosa.<sup>34</sup>

Surgiram vários bairros em Viçosa e os que já existiam continuaram crescendo desordenadamente, independentes, com a sua economia suburbana e sobrevivendo a falta de estrutura urbana, não recebendo a mesma atenção que o centro da cidade.

Segundo Corrêa (1991) os efeitos da ampliação do capital localizado no centro da cidade, somados às deseconomias de aglomeração, o congestionamento do tráfego, a ausência de áreas para a expansão ou o alto preço da terra, traduzem-se na recreação de novas concentrações de atividades em áreas fora do centro da cidade, reproduzindo condições similares às do centro, formando os sub-centros.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Viçosa (2010) inexistência de um Plano Diretor, até 1988 no município para monitorar o crescimento intenso da construção civil favoreceu o crescimento aleatório, cujos impactos negativos estão presentes até hoje na formação da cidade, como por exemplo, as inúmeras construções próximas ao Ribeirão São Bartolomeu.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Vista parcial da ocupação, transformação e verticalização do espaço central, contendo a Rua dos Estudantes, a Av. P. H. Rolfs, o Campus da UFV, a Rua Padre Serafim e o Cemitério Dom Viçoso. Anexo III, p. 161.

<sup>34</sup> Edifícios em frente e próximos ao Campus da UFV. Anexo III, p. 162-164.

<sup>35</sup> Total verticalização das áreas centrais próximas ao Campus da UFV desrespeitando a área de preservação permanente do Ribeirão São Bartolomeu na Rua dos Estudantes, Anexo III, p. 159, outro exemplo é o condomínio na Av. Peter H. Rolfs que possui o seu jardim suspenso (entre suas duas torres) construído sobre a galeria que dá vazão para as represas da UFV no Ribeirão São Bartolomeu. Anexo III, p. 160-162. Ver também mapas de volumetria, área de uso do solo e evolução de ocupação central. Anexo V, p. 176-181.



Segundo a Prefeitura Municipal de Viçosa (2010) a cidade já dispõe de um conjunto de leis urbanísticas como o Plano Diretor, a Lei de Uso do Solo, a Lei de Parcelamento entre outros dispositivos, porém sua implementação de fato se encontra em dificuldades devido aos muitos interesses em alterar ou eliminar os dispositivos legais, seja pelos agentes imobiliários ou pelos próprios moradores.

Outra característica habitacional totalmente visível que vem ocorrendo com frequência em Viçosa, são as novas formas em que as habitações estão sendo construídas, as antigas residências espaçosas, arejadas e iluminadas foram extintas, sendo construído, principalmente nas áreas centrais, um grande número de micro moradias, com pé direito baixo, sem varandas, pouco arejadas, pouco iluminadas e com pouca privacidade, muitas vezes não cumprindo os parâmetros urbanísticos de habitação.<sup>36</sup>

Outro fato que chama a atenção refere-se ao grande número de demolições que vem ocorrendo na parte central da cidade devido a especulação imobiliária que se mantém em alta, as antigas residências que possuíam seus quintais, vão dando espaço para os grandes edifícios.<sup>37</sup>

Sendo a Rua Gomes Barbosa uma das poucas áreas que ainda mantem grande quantidade de edificações preservadas.<sup>38</sup>

Em relação à economia da cidade, hoje a cidade se encontra restrita principalmente a renda de alugueis como as moradias para estudantes, o comércio também procurou basear o seu lucro sob o calendário universitário, comprando e revendendo os seus produtos durante as aulas. Em relação aos produtos vendidos nas feiras, tão fundamentais para a renda dos produtores rurais, estes a cada dia vêm perdendo o seu espaço devido à grande oferta dos supermercados e das lojas especializadas em hortifrutigranjeiros, geralmente abastecidas pelo CEASA e com mercadorias em promoção. Ocorreu também o aumento do trabalho informal em função do grande número de estudantes na cidade, gerando capital financeiro para as lavadeiras, passadeiras de roupas, faxineiras, diaristas etc.

Já o comércio antigo relatado por Paniago (1990) este não existe mais, as lojas de tecidos encontradas em 1960 em sua maioria fecharam as suas portas, assim como os cinemas que deram lugar a um cursinho pré-vestibular, a um hortifrutigranjeiro (verduras e frutas) e a uma igreja evangélica na praça central principal, reinventando os espaços arquitetônicos.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> Vista parcial da ocupação, transformação e verticalização do espaço central. Anexo III, p. 161.

<sup>37</sup> Av. Bueno Brandão no ano de 1950 com os seus sobrados e em 2013 com os seus edifícios. Anexo III, p. 151.

<sup>38</sup> Antigas residências no centro da cidade (Rua Gomes Barbosa), com a rua bem arborizada e com a calçada revestida por paralelepípedos rochosos. Anexo III, p. 169-170.

<sup>39</sup> O edifício do antigo Cine Brasil assumiu outros papéis, seu espaço foi reinventado através dos anos para a preservação de sua arquitetura, hoje abriga um hortifrutigranjeiro. Anexo III, p. 145.

Outro elemento que merece atenção em Viçosa é a sua rede de transportes. Em relação a esta podemos afirmar que a existência da malha ferroviária funcionou até o início dos anos oitenta atravancando todo centro da cidade. Hoje os veículos que utilizam a força de tração animal (charretes) que um dia foi o principal veículo para o trabalho das populações mais carentes e humana (bicicletas) muito usadas pelos estudantes vem perdendo o seu espaço de circulação e conseqüentemente diminuindo o seu uso.

Na cidade atualmente, ocorreu um aumento considerável de veículos motorizados, principalmente com o aumento do giro econômico vindo através dos servidores, professores e alunos da UFV, não ocorrendo proporcionalmente o mesmo com os moradores da cidade, aumentando o sistema rodoviário causando certo transtorno, principalmente para os pedestres nas ruas de Viçosa. No ano de 2011, foram instalados semáforos nos pontos de maior tráfego rodoviário para amenizar os transtornos do trânsito, dando uma ideia errônea de desenvolvimento e civilização para a população, pois a cidade que um dia já foi dos pedestres com os semáforos se tornou a cidade das máquinas, onde o tempo e as pessoas passaram a ser controlados.

Além disso, a cidade se tornou desumanizada e pouco civilizada, pois o conceito de civilização se enquadrava perfeitamente no instante em que um veículo parava em uma faixa de pedestre, sem um comando eletrônico, para que o pedestre pudesse passar.<sup>40</sup>

Segundo Melo (2006) o censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirmou ter contabilizado 64.854 habitantes na cidade de Viçosa, sendo 5.062 localizados na zona rural e a grande parcela majoritária dos moradores instalados na rede urbana, a saída da população da zona rural para a cidade foi muito acentuada na década de setenta e em 1980 a proporção de habitantes rurais passou de 34,07% para 19,40%.

Segundo a Prefeitura Municipal de Viçosa (2010) a cidade de Viçosa possui hoje 72.244 moradores fixos e 20.000 moradores inclusos na população flutuante da cidade. (dados recolhidos na reunião da Associação dos Moradores de Viçosa, na Estação Ferroviária no dia 04/05/2011).

Em todo esse cenário também aparecem às questões de bens e serviços básicos para a sociedade viçosense, como o saneamento básico, rede de esgoto, água tratada, coleta de lixo entre outros.

Segundo a Prefeitura Municipal de Viçosa (1976) até o ano de 1969 a cidade possuía em cada bairro uma caixa de água para os moradores, que ficava aos cuidados da prefeitura, sendo a

---

<sup>40</sup> Estação ferroviária com os seus semáforos no ano de 2012, anexo III, p. 116.

falta de água constante e por períodos prolongados, assim como também ocorria a coleta inadequada dos resíduos sólidos

De acordo o SAAE (2012) no ano de 1970, foi criado o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) que se refere às questões de saneamento básico, como o tratamento e distribuição de água, o tratamento de esgoto, a limpeza pública dos logradouros e a coleta de resíduos sólidos urbanos, tendo a sua administração em forma de autarquia, ou seja, é uma empresa pública ligada à prefeitura, porém com a sua autonomia financeira e administrativa.

Segundo o SAAE (2012) a sua capacidade de atendimento atualmente é de 98% da população com água tratada, de 88% com rede de esgoto e sendo desde janeiro de 2010 responsável pela limpeza pública de Viçosa, coletando 56 toneladas de resíduos sólidos por dia. Para realizar o seu trabalho o SAAE possui uma estrutura de qualidade em saneamento formada por duas estações de tratamento de água, sendo estas a ETA I, localizada na Rua do Pintinho e a ETA II, localizada na Violeira. A cidade de Viçosa também possui duas estações de tratamento de esgoto, sendo elas a ETE I, localizada no bairro Romão dos Reis e a ETE II, localizada na Violeira.

Outros fatores que vem melhorando o saneamento básico da cidade através do SAAE considerado por muitos viçosenses como medidas mitigadoras positivas está relacionado aos seus programas de reciclagem de resíduos sólidos, ecopontos para a coleta de materiais reciclados, container's instalados em vários locais na cidade dinamizando a coleta, as suas ações ambientais e educacionais nas escolas, as suas medidas de proteção dos mananciais etc.

Em relação à energia distribuída, a Prefeitura Municipal de Viçosa (1976) ressalta que a energia da cidade era fornecida pela Companhia Força e Luz BRECH, localizada nas cidades de Cataguases e Leopoldina, faltando luz para Viçosa a qualquer indício de tempestade ou problemas em seus transformadores.

Com a instalação da Central Elétrica de Minas Gerais (CEMIG) em 1968, a distribuição de energia melhorou consideravelmente proporcionalmente ao aumento do preço das contas.

Com o aumento de moradores nas partes centrais da cidade, principalmente devido ao enorme número de construções, hoje já podemos compartilhar com a ausência de água nas estações mais quentes do ano e com a ausência de energia devido a sua grande demanda, sendo necessário reformular estas gestões de abastecimento.

Em relação aos problemas ambientais de Viçosa, Melo (2006) destaca que a cidade possui muitos problemas ambientais e que tal fato é consequência de um desenvolvimento rápido e sem planejamento.

Dentre esses problemas destaca a situação física do Córrego São Bartolomeu, que foi por muitas décadas um importante local de recreação, atraindo banhistas e pescadores.

Hoje, em seu percurso é encontrado a vazão clandestina de esgoto nas áreas mais afastadas do centro da cidade, lixo, entulhos, assoreamento e construções em suas margens, mudando a sua dinâmica e desrespeitando a legislação ambiental vigente.

Segundo Melo (2006) outro problema que podemos observar em Viçosa é a ocupação das encostas em áreas superiores a 45° de inclinação em função da especulação urbana causando o desmatamento dos topos dos morros, assoreamento de terra, formação de favelas etc.

Não se pode afirmar que a construção da UFV e o seu desenvolvimento foi responsável por todos os problemas urbanos da cidade de Viçosa, mas com certeza se pode afirmar que a cidade se desenvolveu circunstancialmente influenciada pelo seu crescimento. O aparente progresso da cidade através do desenvolvimento da UFV desconstruiu elementos que constituíam as formas passadas imateriais (a sociedade, a religião, a política e a educação) e materiais (transformação urbanística da cidade) criando grandes impactos antrópicos, urbanos e ambientais, positivos e negativos na cidade.

#### **4. OS DESAFIOS DO PLANEJAMENTO URBANO CONTEMPORÂNEO NA CIDADE DE VIÇOSA**

A cidade cresceu em torno de suas primeiras infra-estruturas urbanas, mais tarde seu crescimento se deu de forma aleatória, seguindo o delinear do relevo dominante nos bairros periféricos. A ocupação dos sítios mais adequados e próximos dos pólos aglutinantes centrais e da Universidade Federal de Viçosa foram ocupados pelos moradores que possuíam as melhores condições financeiras. Consequentemente ocorreu a valorização dos imóveis centrais e um aumento dos aluguéis beneficiando os donos destes, afetando diretamente a vida coletiva levando os antigos moradores da cidade para as áreas mais periféricas. Tal fato explicaria a venda dos imóveis, sua locação e os problemas vindos com o crescimento central, como o barulho, o trânsito intenso, o aumento da violência entre muitos outros elementos que causaram a remodelação brutal da cidade.

De acordo com Lynch (2007) é preciso que se estabeleçam algumas características essenciais para o bom funcionamento de uma cidade, sendo as dimensões de execução como a vitalidade, o sentido, a adequação, o acesso, o controle, a eficiência e a justiça elementos fundamentais.

No que se refere ao planejamento urbano de Viçosa, hoje seria impossível uma mudança radical em sua forma, pois seu traçado urbano permanece concentrado e com um sistema veloz de reposição de inúmeros imóveis, onde o antigo cede espaço para o novo, porém, podemos organizar, conservar e criar áreas compensatórias (áreas verdes, praças, ambientes culturais, de lazer, ciclovias etc.) tornando a cidade mais organizada, funcional, humanizada e agradável para a sociedade.

Em relação aos imóveis mais antigos da cidade, podemos afirmar que no centro encontramos alguns pontos históricos, assim como também são encontrados outros fragmentos espalhados pela cidade que merecem a sua preservação, sendo necessário para que isso ocorra um novo discurso e uma prática jurídica que aprofunde a função social da propriedade.

Para que ocorra a preservação destes imóveis devem ser estabelecidos alinhamentos a partir do planejamento urbano como a regulação das formas de preservação desestimulando a substituição, as gestões associadas entre proprietários e usufrutos em troca de reparação do imóvel e benefícios financeiros, o uso de alternativas tecnológicas referidas à conservação, a capacitação de recursos humanos para aprofundar os aspectos da formação de equipes de trabalho capacitados em reabilitação edilícia e por fim a realização de um estudo da administração, da organização e da manutenção dos edifícios. (VARNI, L., apud SILVA, R. C. M. da., 2006, p. 178-179).

Os parâmetros para a preservação dos imóveis são complexos, existe uma grande deficiência em cumprir a legislação do Plano Diretor do Código de obras e de Edificações do Município de Viçosa, além disso, a preservação necessita de conciliação de ambas as partes, de quem ocupa e deseja preservar e de quem é dono do imóvel, devendo sempre ser colocado em prática as diretrizes jurídicas que garantam a preservação destes, em Viçosa um dos principais fatores da não preservação dos imóveis centrais o vetor econômico, onde os imóveis são vendidos a preços exorbitantes, dando espaço para as novas edificações que muitas vezes sequer respeitam os parâmetros urbanísticos de uso e ocupação do solo.

Segundo Souza (2010):

Os parâmetros urbanísticos para com o uso do solo ocorrem através da prática real do afastamento das edificações em relação à divisa do lote incluindo laterais, fundo, afastamento frontal e entre as edificações. Outro parâmetro urbanístico que deve ser controlado é sobre a área de volumetria ou gabarito que expressa em pavimentos ou metros a altura máxima permitida para uma edificação em um local, sendo de igual importância a fiscalização em relação a taxa de permeabilidade, nos índices de áreas verdes, em relação a área bruta (espaços institucionais), a área líquida (estritamente residencial), a densidade bruta parâmetro que expressa o número total de pessoas que residem em uma zona dividida pela área total do mesmo, incluindo os espaços públicos e por fim a densidade líquida parâmetro urbanístico que expressa o número total de pessoas que residem em uma zona dividida pela área utilizada para fins apenas residenciais. (SOUZA, M. L., 2010, p. 251-256).

Os parâmetros urbanísticos de ocupação do solo na cidade muitas vezes são burlados pelos proprietários dos imóveis e principalmente pelos agentes imobiliários em busca de um retorno financeiro maior. Nas atuais edificações inúmeras construções não seguem os parâmetros básicos necessários para o conforto nas habitações, ocorrendo em larga escala à diminuição da altura mínima do pé direito nas residências, a redução das janelas, a diminuição do espaço para convivência coletiva nos edifícios, a invasão dos espaços públicos e o não cumprimento da preservação das áreas de preservação permanente, principalmente em torno do Ribeirão São Bartolomeu nas áreas centrais que vão da Av. Peter Henry Rolfs até a Rua Santana.<sup>41</sup>

Em relação aos elementos da contribuição de melhoria urbana Souza (2010) ressalta a necessidade de se realizar estruturas como pavimentação, iluminação, arborização, abastecimento de água, esgotos pluviais, melhoramento de estradas, construção e ampliação do

---

<sup>41</sup> Ver mapas de área de volumetria, uso do solo e evolução da ocupação em torno do Ribeirão São Bartolomeu nas áreas centrais de Viçosa. Anexo V, p. 176-181.

sistema do trânsito, estes elementos em geral só podem ser realizados de fato com a participação de autarquias ou através dos órgãos públicos como a Prefeitura Municipal de Viçosa e o repasse de verbas vindo do Governo do Estado de Minas Gerais e dos órgãos federais.

O centro da cidade concentra as melhores infra-estruturas urbanas sendo encontrados pontos de ônibus, calçadas amplas, água encanada, iluminação pública, limpeza incluindo a capina, a varrição e coleta dos resíduos sólidos urbanos, policiamento acompanhado de vigilância eletrônica (olho vivo), semáforos em diversos locais, escolas, hospitais etc.

Quando nos distanciamos da região central podemos perceber o aumento das mazelas estruturais e sociais da cidade, sendo os desafios do planejamento urbano contemporâneo de Viçosa complexo, pois estes demandam uma gestão organizada, que realmente favoreça a cidade e não seja apenas mais um ato de politicagem, necessitando principalmente de mão-de-obra extremamente qualificada.

Outro fator que nós produzimos na cidade é a exclusão anti-social, Silva (2006) nos questiona sobre tal comportamento e nos leva a repensar na contemporaneidade e a encontrar na dimensão do urbanismo em que vivemos algumas possibilidades resgate da urbanidade perdida:

A cidade é o lugar das diferenças sociais e culturais e as áreas de transição entre as áreas pobres e ricas devem ser apropriadas pelos vários grupos sociais de forma aberta, múltipla e flexível. As faixas de fronteira – territórios perigosos – precisam ser repensadas dentro das políticas urbanas para que sejam transformadas em fronteiras vivas, zona de interação social, de convivência e aprendizado mútuo. [...] Sendo necessária uma política pública que garanta a distribuição equilibrada de recursos para as áreas periféricas e excluídas. Alimentar o discurso da insegurança e do medo só contribui para esvaziar os espaços públicos e para a proliferação de grades, muros e comunidades fechadas, isolando os grupos sociais homogêneos e impedindo as possibilidades de trocas sociais, base da sociedade urbana moderna. SILVA, R. C. M. da. A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras. In: SILVA, R. C. M. da. (Org.) **A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2006. P. 37.

O planejamento urbano da cidade não pode ser direcionado somente para as estruturas materiais. A cidade é formada acima de tudo por pessoas e por suas relações imateriais cotidianas, sendo necessário que ocorra um planejamento que beneficie ambas as partes, direcionando a vida dos moradores por um ritmo menos acelerado, mais participativo e mais humano.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma época conturbada da política brasileira, Arthur Bernardes descobriu o valor da educação como um elo fundamental para a sua gestão, construindo a ESAV que se tornou um divisor de águas transformador e causador de relevantes impactos sociais e físicos na cidade, desconstruindo o tempo passado e modificando o seu espaço definitivamente. Sobre o pretexto de que a construção da ESAV supriria as necessidades da sociedade e seria a solução para resolver o empirismo dominante na agricultura e da pecuária, Arthur Bernardes então presidente da República do Brasil, inaugurou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV em 1926, na cidade de Viçosa-MG.

A construção da instituição de ensino influenciou na (des)construção dos elementos materiais e imateriais da cidade, principalmente das áreas centrais, modificando a sua dinâmica e seu traçado urbano. Na atualidade o traçado se encontra totalmente modificado em relação ao seu passado, com uma dinâmica social, educacional, econômica, arquitetônica e ambiental influenciada pelo desenvolvimento da UFV. A cidade se define hoje pelo adensamento urbano central, onde o crescimento da indústria da construção civil foi um dos grandes responsáveis para que Viçosa entrasse em seu quarto período de expansão, iniciando-se nos anos de 1980, acentuando-se a partir de 2000/2001 e transformando a cidade em um verdadeiro canteiro de obras nos anos de 2012/2013.

Consequentemente ocorreu a demolição de inúmeras residências antigas, substituídas por uma grande verticalização dos imóveis centrais e a valorização destes que atingiram preços exorbitantes, gerando um grande número de migrações para áreas periféricas, construindo os novos subcentros da cidade. Outro fator físico alterado foi o da arquitetura das residências, geralmente reduzidas não satisfazendo os seus moradores e não cumprindo com as normas arquitetônicas de dimensão de execução e os parâmetros urbanísticos de uso e ocupação do solo.

Surgiram significativos impactos ambientais, principalmente pela ocupação inadequada do solo nas áreas com mais declividade, próximo aos mananciais do Ribeirão São Bartolomeu e nos solos frágeis, principalmente devido à alteração ou eliminação dos dispositivos legais ao que se refere às leis urbanísticas, pelos agentes imobiliários ou moradores da cidade.

Em relação aos serviços e ao comércio viçosense, estes passaram a basear o seu lucro dependentes do calendário universitário, comprando e revendendo seus produtos durante os períodos de aulas, ocorrendo também um deslocamento das áreas econômicas e sociais no centro da cidade, onde antigas ruas que eram o *locus* comercial já não estão em plena atividade.

Hoje a cidade de Viçosa possui aproximadamente 72.244 moradores fixos e 20.000



moradores inclusos na população flutuante, convivendo com a deficiência do sistema de trânsito e com a ausência de bens e serviços básicos.

Como fora dito anteriormente, não se pode culpar a construção do Campus da UFV e o seu desenvolvimento por todos os problemas urbanos de Viçosa, mas com certeza sem a sua presença a cidade não se tornaria um polo de inúmeros investimentos imobiliários, educacionais e de serviços que remodelou o seu espaço radicalmente.

Esse aparente progresso formou grandes impactos, positivos e negativos, devendo ser repensado o planejamento urbano da cidade, a existência de leis e a tomada de decisões pelos órgãos vigentes que assegurem a qualidade de vida dos moradores sem excluir os aspectos fundamentais como a cidadania, a inclusão social e educacional, os serviços básicos e a motivação para as relações mais humanas.

A cidade de Viçosa é nossa, serve a todos e ao mesmo tempo necessita que nós sejamos os seus agentes de melhorias. A cidade não é formada somente de concreto. A cidade é formada por pessoas, seu principal agente de transformação, cabendo a estes a conscientização de que a cidade não nos pertence para o nosso bel prazer e que de fato precisa de cuidados, pois por mais que não seja percebido no cotidiano de seus habitantes, a cidade embala as nossas vidas, conta a nossa história através do tempo, marca a sociedade através de suas lutas políticas, transforma-se através de seu papel ideológico influente e determinante na configuração ou redução de seu espaço, traçando assim as suas formas urbanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVA, E. N. **Metrópolis (In)sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. 164 p.

ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. 45 p.

BORGES, J. M.; SABIONI, G. S. (Orgs.) **Relatório de construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2004. 89 p.

BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2000. 651 p.

CARLOS, A. F. A. **A cidade: repensando a geografia**. São Paulo: Contexto, 1992. 98 p.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática S. A., 1991.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. 1ª Ed. Lisboa: Edições Setenta, 2007. 446 p.

MELO, L. V. de. “**A questão ambiental em Viçosa – MG: uma análise da legislação municipal no período de 1970-2004**”. Viçosa, 2006. 48 p.

PANIAGO, M. do C. T. **Viçosa: mudanças socioculturais, evolução histórica e tendências**. Viçosa: UFV; Imprensa universitária, 1990. 300 p.

PANIAGO, M. do C. T. **Viçosa: retratos de uma cidade**. São Paulo: Scortecci, 2001. 71 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. **Da Erminda à Urbe**. Disponível em: [WWW.vicosa.mg.gov.br/?are=conteudo=8seção...](http://WWW.vicosa.mg.gov.br/?are=conteudo=8seção...) Acesso em: 27 de maio. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. **Revista Panorama Municipal**. Suplemento Especial do Jornal à Folha. Viçosa: vol. 1, n.1, outubro de 1976.

SAAE- **Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Viçosa.** Disponível em: [WWW.saaevicosa.com.br](http://WWW.saaevicosa.com.br). Acesso em: 11 de junho. 2012.

SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos.** Viçosa: Editora UFV, 2006. 84P.

SANTOS, M. **Espaço e método.** 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

SANTOS. Sebastião de O. Viçosa – MG: **Entrevista** concedida a R. Bernardes, 1992.

SILVA, R. C. M. da. A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras. In: SILVA, R. C. M. da. (Org.) **A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2006. P. 37.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade:** uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 558 p.

VALVERDE, O. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia,** São Paulo, v. 20 n. 1, p. 3-83, jan./mar. 1958.

VARNI, L. Reabilitação patrimonial e moradia coletiva na área central do Rosário. In: SILVA, R. C. M. da. (Org.). **A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2006. P. 169-180.

# *Anexos*

## *Lista de figuras*

Figura 1	Projeção tridimensional dos terrenos da ESAV em 1921.....	61
Figura 2	Planta dos terrenos comprados pela ESAV.....	61
Figura 3	Planta da ESAV de 1934.....	62
Figura 4	Planta do relevo do Campus com plataforma adequada para edificações.....	62
Figura 5	Planta do sistema viário do Campus.....	63
Figura 6	Planta de zoneamento do Campus.....	63
Figura 7	Identificação de unidades arquitetônicas no Campus em 1960.....	64
Figura 8	Proposta do sistema viário do Campus.....	64
Figura 9	Proposta de saneamento do Campus.....	65
Figura 10	Proposta de zoneamento do Campus.....	65
Figura 11	Proposta de prioridade de construções no Campus.....	66
Figura 12	Proposta de áreas compensatórias dentro do Campus.....	66
Figura 13	Vista parcial do traçado urbano do Campus.....	67
Figura 14	As quatro pilastras originais com os seus dizeres originais.....	68
Figura 15	Vista panorâmica da área central dos terrenos para a instalação da ESAV.....	69
Figura 16	Vista parcial do Campus.....	69
Figura 17	Vista parcial do Campus.....	69

Figura 18	Construção da oficina de obras.....	70
Figura 19	Oficina de obras.....	70
Figura 20	Feraria e carpintaria.....	70
Figura 21	Barracão da primeira garagem.....	70
Figura 22	Olaria que produziu tijolos para diversas edificações.....	70
Figura 23	Vista geral do canteiro da ESAV.....	71
Figura 24	Publico presente no lançamento da pedra fundamental do ed. Principal.....	71
Figura 25	Pedra fundamental ladeada pelos operários.....	71
Figura 26	Edifício Principal em construção.....	71
Figura 27	Instalação das cumeeiras.....	71
Figura 28	Edifício Principal erguido.....	72
Figura 29	Pesquisa: plantação de algodão.....	72
Figura 30	Alicerces da residência do Diretor.....	72
Figura 31	Construção da residência do Diretor.....	72
Figura 32	Fase final de acabamento da residência do Diretor.....	72
Figura 33	Tarde de evento social.....	72
Figura 34	Residência do Diretor nomeada de Peter Henry Rolfs em 1976.....	73
Figura 35	Lançamento da pedra inaugural do dormitório.....	73
Figura 36	Perfuração dos alicerces do dormitório.....	73
Figura 37	Inauguração da pedra do dormitório.....	73
Figura 38	Construção da galeria que desagua as águas das represas do Campus.....	74
Figura 39	Sentado sobre a galeria já pronta o engenheiro Bello Lisbôa.....	74

Figura 40	Início do aterro que ligou o Campus à cidade de Viçosa.....	75
Figura 41	Avenida da Agronomia em construção.....	75
Figura 42	Avenida da Agronomia com os seus primeiros abrigos.....	75
Figura 43	Primeiro estábulo da ESAV.....	76
Figura 44	Leiteira.....	76
Figura 45	Primeira escola infantil da ESAV.....	76
Figura 46	Preocupação com a saúde dos servidores da ESAV.....	76
Figura 47	Alfabetização dos primeiros servidores.....	76
Figura 48	Construção do prédio da ESAV.....	77
Figura 49	Arthur da Silva Bernardes.....	77
Figura 50	Peter Henry Rolfs.....	77
Figura 51	João Carlos Bello Lisbôa.....	77
Figura 52	Comboio presidencial na inauguração da ESAV em 1926.....	78
Figura 53	O trem da Companhia Leopoldina Railway atravessando o Campus.....	78
Figura 54	Fazendeiros deixando a estaçãozinha na 1ª Semana do Fazendeiro (1929).....	79
Figura 55	Primeira Semana do Fazendeiro com os seus trinta e nove participantes.....	79
Figura 56	A reta principal em construção.....	80
Figura 57	A reta aberta à sociedade viçosense após a inauguração da ESAV.....	80
Figura 58	Antiga reta Peter Henry Rolfs.....	81
Figura 59	Avenida Peter Henry Rolfs e as suas transformações.....	81
Figura 60	As quatro pilastras originais.....	82
Figura 61	As quatro pilastras nos anos quarenta.....	82

Figura 62	As quatro pilastras no ano de 2006 com os seus dizeres recuperados.....	82
Figura 63	Vista parcial da ESAV em 1933.....	83
Figura 64	Reta principal em 1930.....	83
Figura 65	Stand da ESAV em 1933.....	83
Figura 66	Vista parcial do Campus na década de 30.....	84
Figura 67	Primeira exposição de milho em 1930.....	84
Figura 68	Campo de cultivo, no Vale da Agronomia em 1930.....	85
Figura 69	Embarque de alunos na estaçãozinha na década de trinta.....	85
Figura 70	Time de futebol dos alunos da ESAV.....	86
Figura 71	Time de futebol dos alunos da ESAV.....	86
Figura 72	Equipe de atletismo na década de trinta.....	87
Figura 73	Prática desportiva do mês feminino.....	87
Figura 74	Atacante do time de basquete.....	88
Figura 75	A antiga piscina do Vale da Agronomia.....	88
Figura 76	Marcha de Nico Lopes, criada em 1929 pelo aluno Secundino.....	89
Figura 77	Excursão dos professores da ESAV para a Serra do Brigadeiro.....	90
Figura 78	Carteira de admissão de servidor da ESAV de 1931.....	90
Figura 79	Primeiro número da revista Ceres.....	90
Figura 80	Vista parcial do Campus na década de quarenta.....	91
Figura 81	Vista parcial do Campus na década de quarenta.....	91
Figura 82	Avenida da Agronomia na década de quarenta.....	92
Figura 83	Planejamento de transformação da ESAV em UREMG.....	92

Figura 84	Vista parcial da Vila Giannetti.....	93
Figura 85	Professores da Purdue Universit em Viçosa.....	93
Figura 86	Alojamento masculino em época da Semana do Fazendeiro.....	94
Figura 87	Escola Média de Agricultura de Florestal.....	94
Figura 88	Vista aérea do Campus.....	95
Figura 89	Vista parcial do Campus.....	95
Figura 90	Início da construção do edifício da Biblioteca Central.....	96
Figura 91	Biblioteca central inaugurada.....	96
Figura 92	Biblioteca Central reformada.....	96
Figura 93	Vista parcial do Campus.....	97
Figura 94	Vista parcial do Campus.....	97
Figura 95	Vista parcial do Campus.....	98
Figura 96	Instalação da Escola Nacional de Florestas.....	98
Figura 97	Servidores da gráfica.....	99
Figura 98	Antigo manuseio da gráfica.....	99
Figura 99	Impressão na década de sessenta.....	99
Figura 100	Servidores ligados aos esportes.....	99
Figura 101	Time de futebol da gráfica.....	99
Figura 102	Edifício da Imprensa Universitária.....	100
Figura 103	Ginásio em construção.....	100
Figura 104	Ginásio inaugurado.....	100
Figura 105	Reitoria Peter Henry Rolfs.....	100



Figura 106	Edifício Principal.....	100
Figura 107	Campus da UFV.....	101
Figura 108	Vista parcial do Campus.....	102
Figura 109	Evento cultural no Campus.....	102
Figura 110	Vista parcial da entrada do Campus.....	103
Figura 111	Vista parcial do Campus na década de noventa.....	103
Figura 112	Vista parcial do Campus.....	104
Figura 113	Biblioteca Central.....	104
Figura 114	Pavilhão de Aulas II - PVB.....	104
Figura 115	Vista parcial do Campus.....	105
Figura 116	Vista imponente do edifício Principal ao lado do Centro de Vivências.....	105
Figura 117	Edifício Principal sobrevivendo ao tempo.....	106
Figura 118	Vista parcial da entrada do Campus.....	106
Figura 119	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2012.....	107
Figura 120	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2012.....	107
Figura 121	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2012.....	108
Figura 122	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2013.....	108
Figura 123	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2013.....	109
Figura 124	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2013.....	109
Figura 125	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2013.....	110
Figura 126	Vista parcial da Universidade Federal de Viçosa em 2013.....	111
Figura 127	As quatro pilastras no ano de 2013.....	111

Figura 128	Montagem da vista geral da cidade de Viçosa – MG em 1898.....	112
Figura 129	Vista geral da cidade de Viçosa – MG em 1916.....	112
Figura 130	Vista parcial de Viçosa de 1930.....	113
Figura 131	Os primeiros educandários de Viçosa.....	113
Figura 132	Cemitério Dom Viçoso.....	114
Figura 133	Cemitério Dom Viçoso atualmente.....	114
Figura 134	Chegada dos trilhos da Ferrovia The Leopoldina Railway em 1884.....	115
Figura 135	Balaústre e estação ferroviária ainda sem calçamento.....	115
Figura 136	Estação ferroviária sendo revitalizada.....	116
Figura 137	Estação ferroviária com calçamento e semáforo (rodoviário) em 2012.....	116
Figura 138	Estação ferroviária sendo revitalizada com canteiros (jardinagem).....	117
Figura 139	Estação ferroviária em 2012.....	117
Figura 140	Estação ferroviária em 2012.....	118
Figura 141	Estação ferroviária sendo reformada em 2013.....	118
Figura 142	Transformação e revitalização dos antigos espaços na Av. B. Brandão.....	119
Figura 143	Verticalização central da cidade.....	119
Figura 144	Construção da Matriz Santa Rita em 1851 e em 1951.....	120
Figura 145	Igreja Matriz no ano de 2012.....	120
Figura 146	Antiga Igreja do Rosário.....	121
Figura 147	Prefeitura Municipal de Viçosa.....	122
Figura 148	Praça do Rosário em 2012.....	122
Figura 149	Associação Casa de Caridade de Viçosa, fundada em 1908.....	123

Figura 150	Hospital São Sebastião em 2013.....	123
Figura 151	Hospital São Sebastião em 2013 com o seu anexo em 2013.....	124
Figura 152	Hospital São Sebastião em 2013 com o seu anexo em 2013.....	124
Figura 153	Colégio Batista e pedra inaugural do Colégio de Viçosa.....	125
Figura 154	Colégio de Viçosa em 2013.....	126
Figura 155	Escola Normal Nossa Senhora do Carmo em 1917.....	127
Figura 156	Escola Normal Nossa Senhora do Carmo em 2013.....	127
Figura 157	Grupo Escolar de Viçosa em 1922.....	128
Figura 158	Escola Coronel Antônio da Silva Bernardes (CASB) em 2013.....	128
Figura 159	Colégio Estadual em 1973.....	129
Figura 160	Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres (ESED RAT) em 2013.....	129
Figura 161	Patronato Agrícola Arthur Bernardes em 1927.....	130
Figura 162	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.....	130
Figura 163	Revitalização da antiga FUNABEM em CENTEV – UFV.....	131
Figura 164	Praça Silviano Brandão em 1916.....	132
Figura 165	Viçosenses no coreto da praça.....	132
Figura 166	Praça Silviano Brandão em 1930.....	132
Figura 167	Praça Silviano Brandão em 1948.....	132
Figura 168	Vista panorâmica de Viçosa.....	133
Figura 169	Bloco carnavalesco viçosense.....	133
Figura 170	Vista aérea da cidade de Viçosa em 1921.....	134
Figura 171	Avenida Santa Rita em 1924 e em 1950.....	134

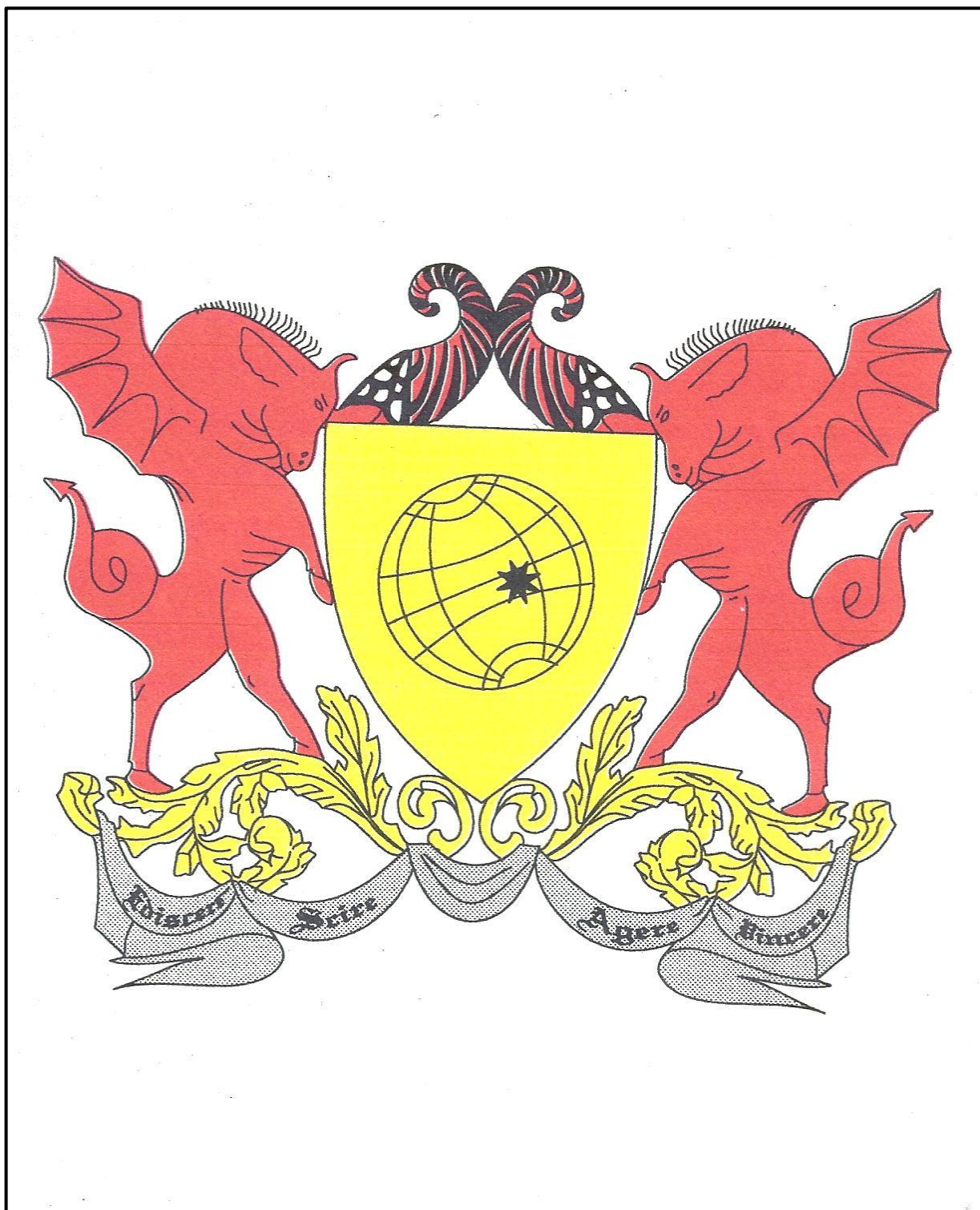
Figura 172	Avenida Santa Rita em 2012.....	134
Figura 173	Manifestação cultural em Viçosa em 1925.....	135
Figura 174	Residência na Avenida Bueno Brandão na década de 20.....	135
Figura 175	A mesma residência na Avenida Bueno Brandão em 2013.....	135
Figura 176	Sobe e desce do balaústre nos anos de 1920.....	136
Figura 177	Sobe e desce do balaústre nos anos de 2012.....	136
Figura 178	Sobe e desce do balaústre nos anos de 2013.....	136
Figura 179	Vista parcial da Praça Silviano Brandão em 1930.....	137
Figura 180	Vista parcial da Praça S. Brandão e do fórum em 1930.....	137
Figura 181	Montagem da vista geral da cidade de Viçosa em junho de 1932.....	137
Figura 182	Sítio Santa Rita.....	138
Figura 183	Sítio Santa Rita atualmente.....	138
Figura 184	Escola Edmundo Lins.....	139
Figura 185	Vista parcial de Viçosa em 1939.....	139
Figura 186	Vista parcial do centro da cidade de Viçosa em 1941.....	140
Figura 187	Vista parcial do centro da cidade de Viçosa em 1945.....	140
Figura 188	Vista parcial da cidade de Viçosa em 1945.....	141
Figura 189	Enchente em Viçosa no ano de 1948.....	141
Figura 190	Enchente em Viçosa no ano de 1948.....	141
Figura 191	Início da verticalização no centro da cidade de Viçosa em 1950.....	142
Figura 192	Praça do Rosário em 1950.....	142
Figura 193	Praça do Rosário atualmente.....	143

Figura 194	Expressão de fé religiosa (tapete de serragem) em 1950.....	143
Figura 195	A nova utilização dos espaços.....	143
Figura 196	Sobrados e edifícios na Rua Senador Vaz de Melo.....	144
Figura 197	Rua Padre Serafim em 1950 e em 2013.....	145
Figura 198	Cine Brasil em 1950.....	145
Figura 199	Cine Brasil em 2013.....	145
Figura 200	Residência na Praça do Rosário em 1950.....	146
Figura 201	Demolição da mesma residência em 2012.....	146
Figura 202	Uma das residências mais antigas da cidade.....	147
Figura 203	A mesma residência reformada localizada na Praça do Rosário.....	147
Figura 204	A mesma residência ladeada por empreendimentos imobiliários.....	147
Figura 205	Rua Arthur Bernardes em 1950.....	148
Figura 206	Calçadão Arthur Bernardes em 2013.....	148
Figura 207	Rua das Vassouras (atual Rua Benjamim Araújo) em 1959.....	149
Figura 208	Rua Benjamim Araújo em 2013.....	149
Figura 209	Rua Benjamim Araújo em 2013.....	150
Figura 210	Av. Bueno Brandão nos anos de 1950 com os seus antigos sobrados.....	151
Figura 211	Av. Bueno Brandão no ano de 2013 com os seus novos edifícios.....	151
Figura 212	Local da primeira rodoviária de Viçosa.....	152
Figura 213	Rodoviária já edificada.....	152
Figura 214	Praça Mário Del Giudice no ano de 2013.....	152
Figura 215	Atual rodoviária localizada na Av. Marechal Castelo Branco.....	153

Figura 216	Atual rodoviária localizada na Av. Marechal Castelo Branco.....	153
Figura 217	Av. Marechal Castelo Branco ( próximo a rodoviária de Viçosa).....	154
Figura 218	Av. Marechal Castelo Branco com o seu comércio.....	154
Figura 219	Antigo Hotel Rubim em funcionamento.....	155
Figura 220	Montagem da fachada do Hotel Rubim no ano de 2013.....	155
Figura 221	Fachada do Hotel Rubim no ano de 2013, estando este desativado.....	155
Figura 222	Vista aérea central de Viçosa nos anos sessenta.....	156
Figura 223	Vista parcial do bairro de Nova Viçosa.....	157
Figura 224	Vista parcial do bairro de Nova Viçosa.....	157
Figura 225	Vista parcial do bairro de Nova Viçosa em 2012.....	158
Figura 226	Vista parcial do bairro de Nova Viçosa em 2012.....	158
Figura 227	Total verticalização das áreas próximas ao Campus da UFV.....	159
Figura 228	Galeria de água que dá vazão para as águas das represas da UFV.....	159
Figura 229	Jardins suspensos sobre a galeria da UFV.....	160
Figura 230	Jardins suspensos sobre a galeria da UFV.....	160
Figura 231	Jardins suspensos sobre a galeria da UFV.....	160
Figura 232	Localização dos jardins suspensos.....	161
Figura 233	Vista da ocupação, transformação e verticalização do espaço central.....	161
Figura 234	Edifícios localizados nas proximidades da UFV.....	162
Figura 235	Edifícios localizados na Av. Peter Henry Rolfs em 2013.....	163
Figura 236	Edifícios localizados na Ladeira dos Operários em 2013.....	164
Figura 237	Edifícios na Rua Padre Serafim.....	165

Figura 238	Edifícios na Av. Bueno Brandão.....	166
Figura 239	Igreja Santa Rita.....	167
Figura 240	A arquitetura que prevalece na Praça Silviano Brandão.....	167
Figura 241	A arquitetura sólida e minimalista da Praça Silviano Brandão.....	168
Figura 242	Sobrados preservados na Rua Gomes Barbosa.....	169
Figura 243	Vista parcial do centro de Viçosa.....	171
Figura 244	Vista parcial do centro de Viçosa.....	171
Figura 245	Vista parcial do Bairros de Fátima e do Bairro Bom Jesus.....	172
Figura 246	Vista parcial do Bairro Clélia Bernardes e da Rua Gomes Barbosa.....	172
Figura 247	Vista parcial do centro de Viçosa em 2012.....	173
Figura 248	Vista parcial do centro de Viçosa em 2012.....	173
Figura 249	Traçado urbano da cidade de Viçosa – MG.....	174
Figura 250	Área de volumetria da Av. P. H. Rolfs até a Rua Sen. Vaz de Melo.....	176
Figura 251	Área de volumetria da Rua Virgílio Val até a Rua Santana.....	177
Figura 252	Área de uso do solo da Av. P. H. Rolfs até a Rua Sen. Vaz de Melo.....	178
Figura 253	Área de uso do solo da Rua Virgílio Val até a Rua Santana.....	179
Figura 254	Área da evolução da ocupação da Av. P. H. Rolfs até a Rua Sen. Vaz de Melo.....	180
Figura 255	Área da evolução da ocupação da Rua Virgílio Val até a Rua Santana.....	181
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ANEXOS.....</b>		<b>182</b>

*Anexo I*  
*Plantas da ESAV, UREMG e UFV*









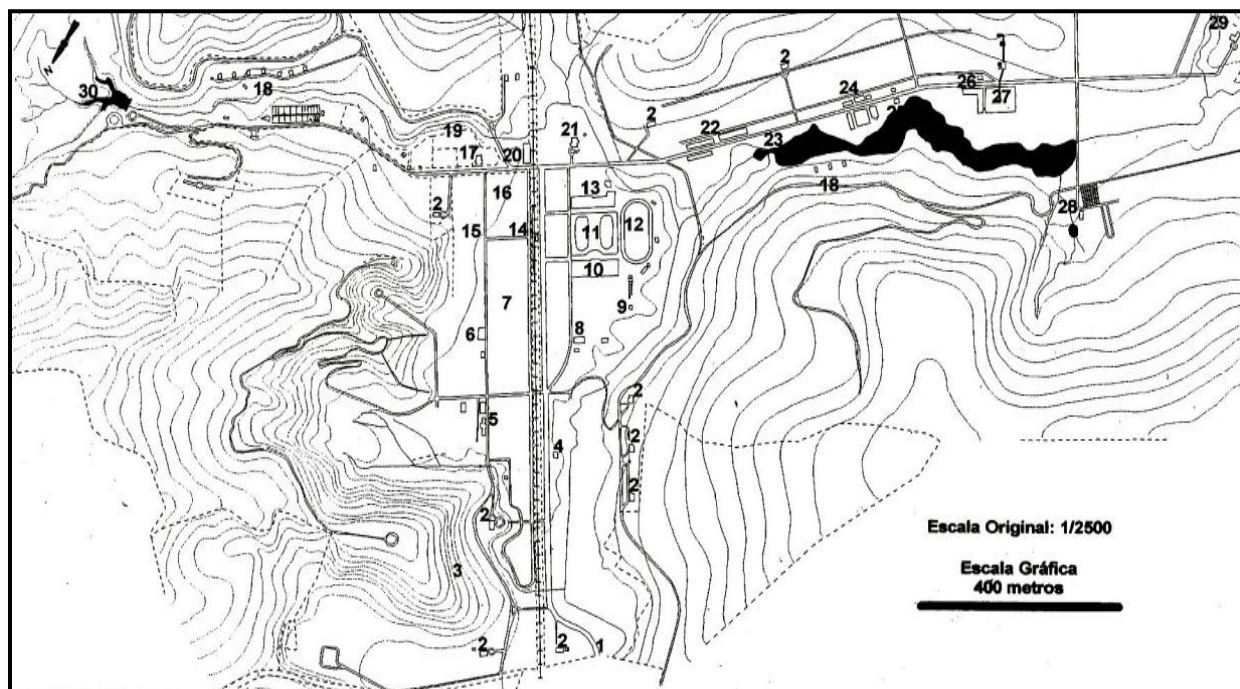


Figura 3 – Plano de desenvolvimento físico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais de 1934, a planta possui o formato do seu traçado principal em T.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2000. P. 62.

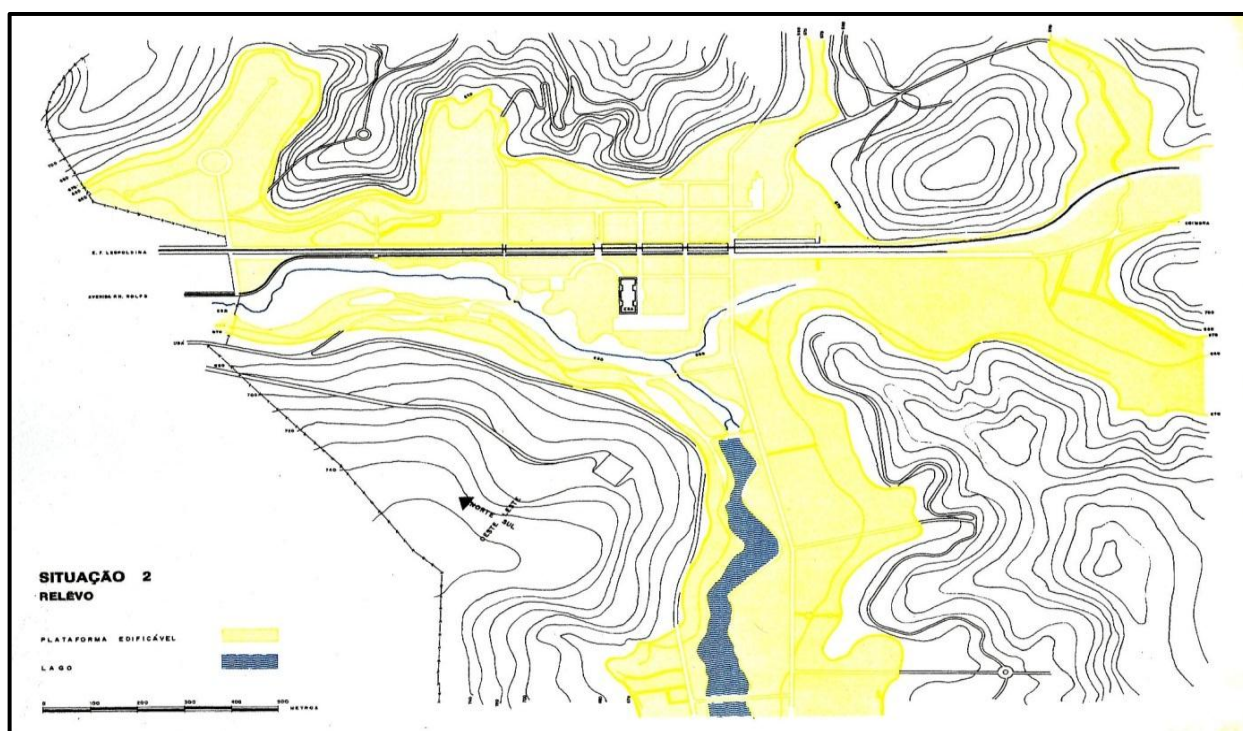


Figura 4 – Planta do relevo do Campus indicando a plataforma adequada para as edificações.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 20.

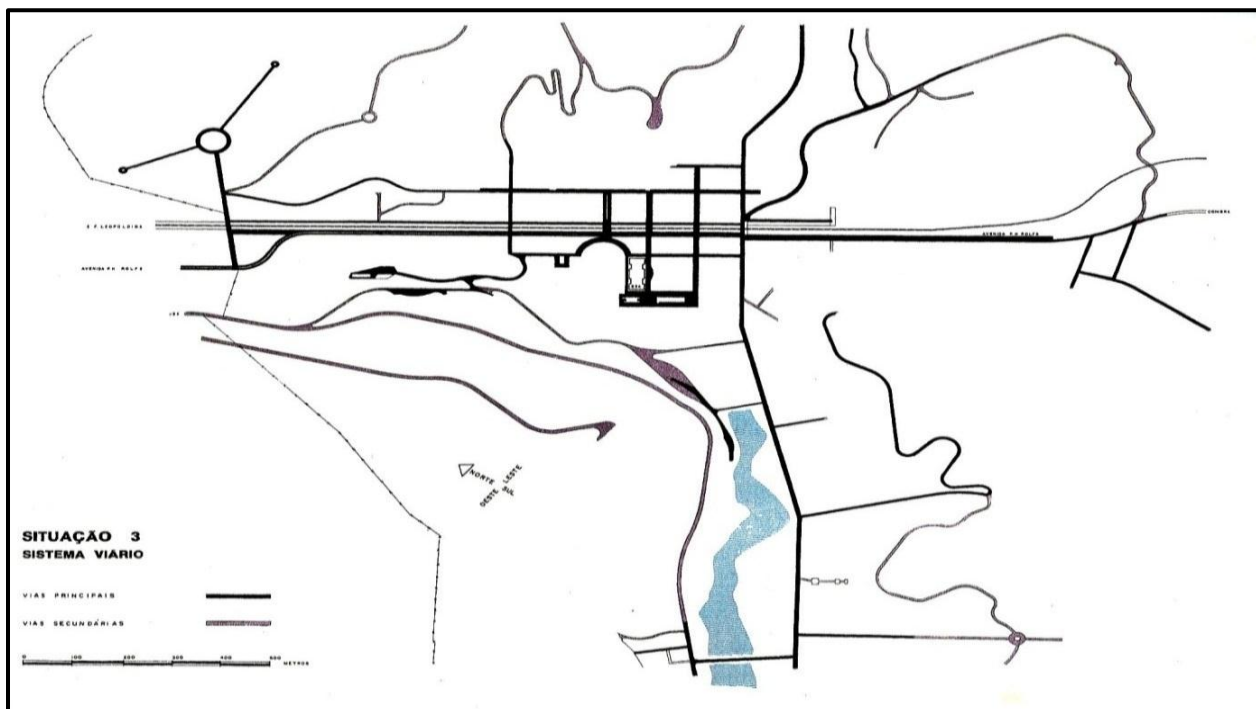


Figura 5 – Planta do sistema viário do Campus, indicando as vias principais e as vias secundárias.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 21.

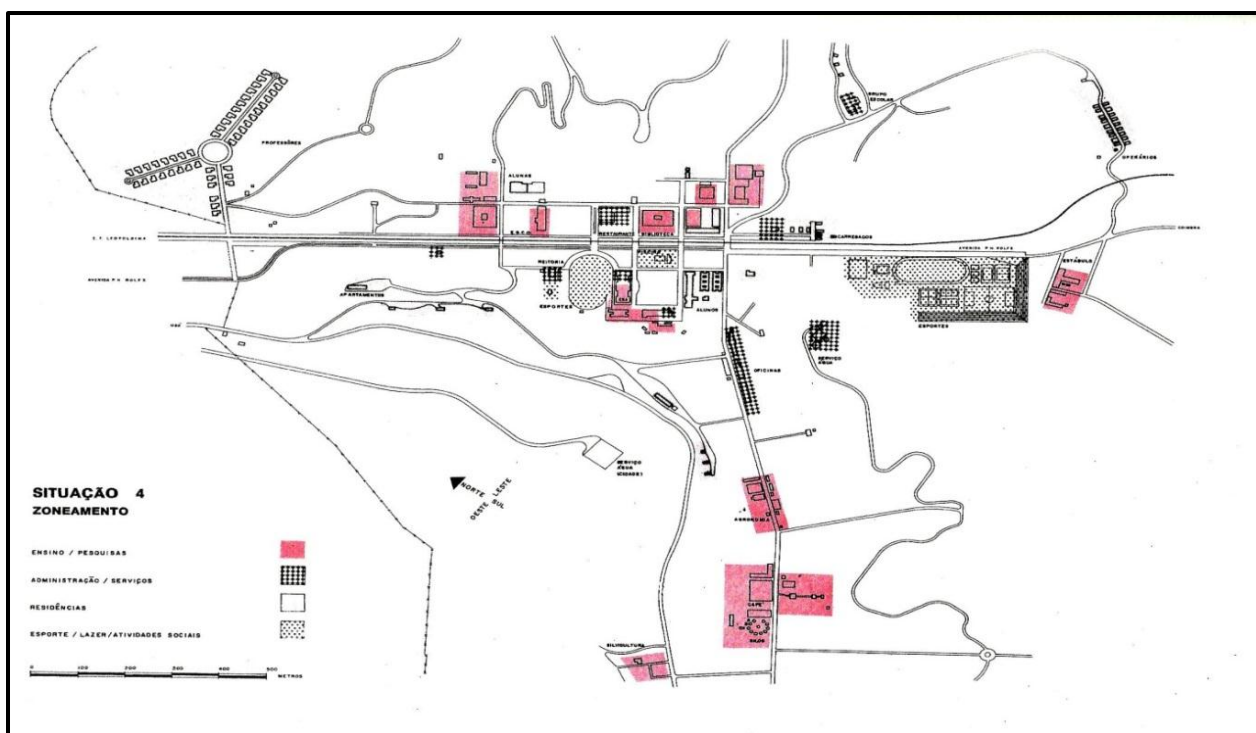


Figura 6 – Planta de zoneamento do Campus.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 22.

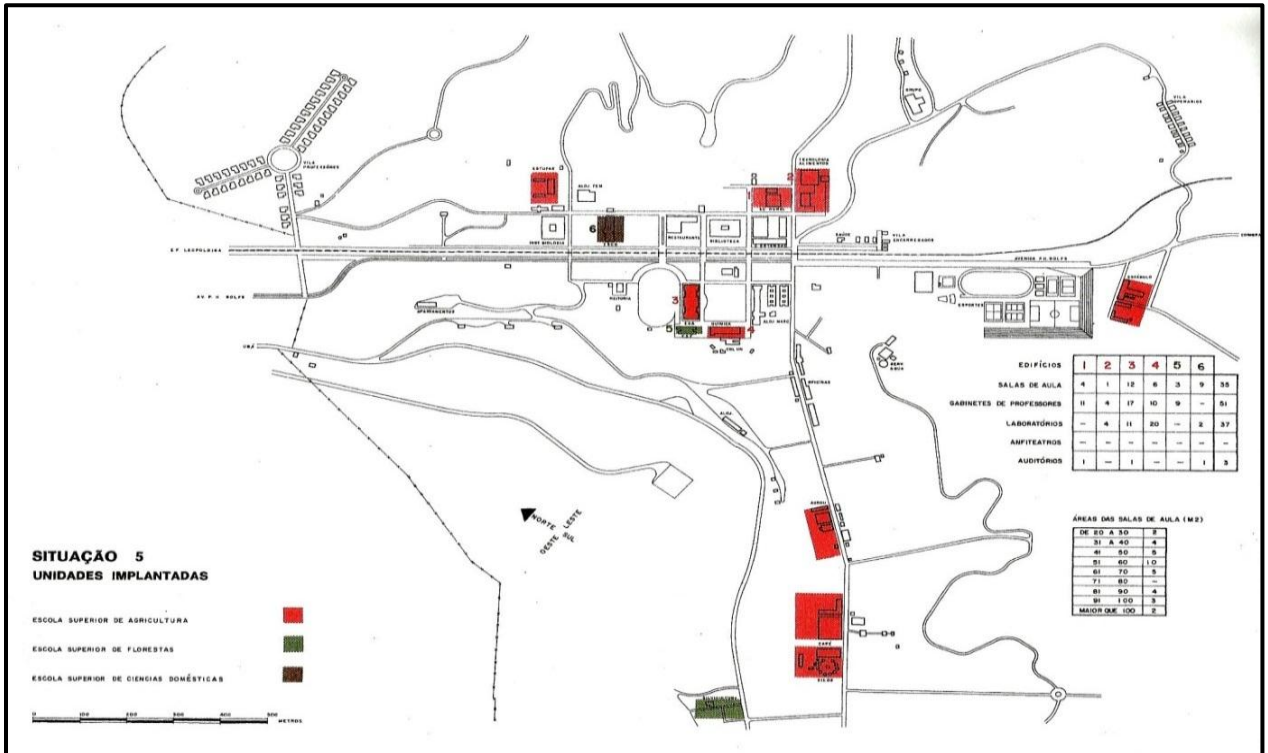


Figura 7 – Identificação de algumas unidades arquitetônicas já implantadas no Campus em 1960.  
Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 23.

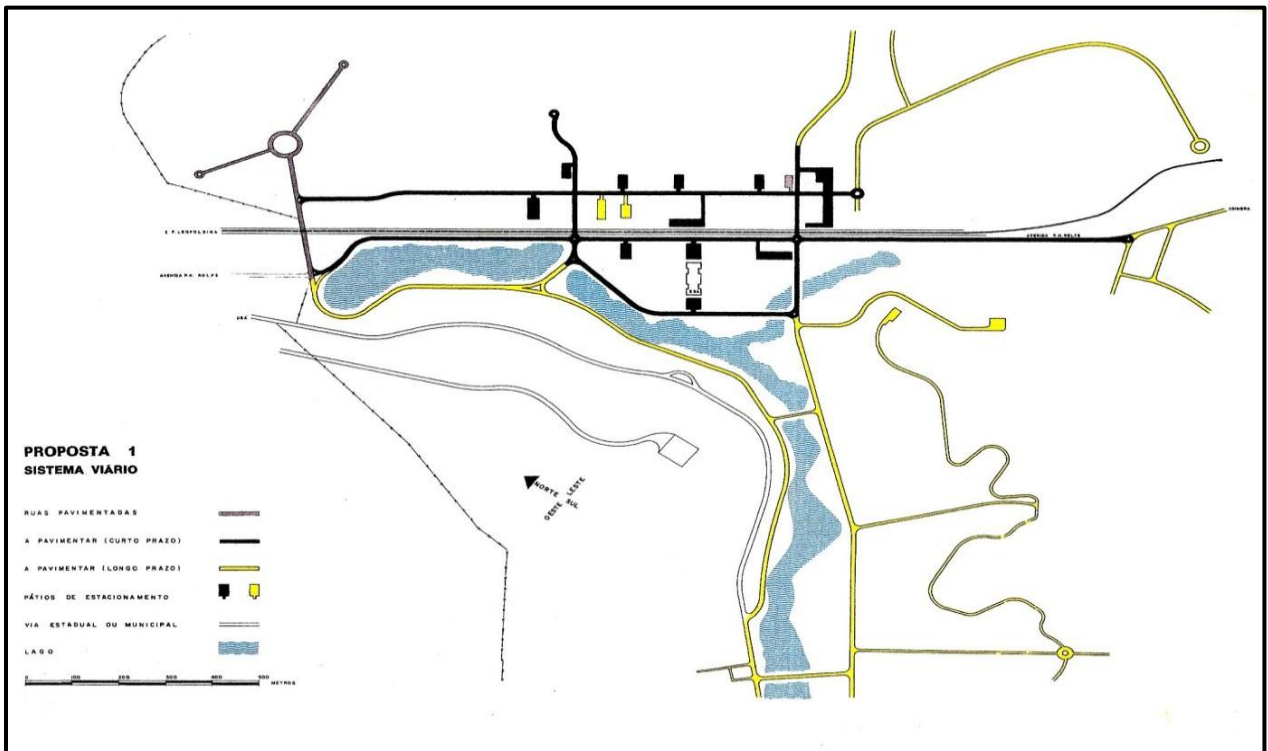


Figura 8 – Proposta do sistema viário demonstrando grandes áreas pavimentadas no Campus.  
Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 30.



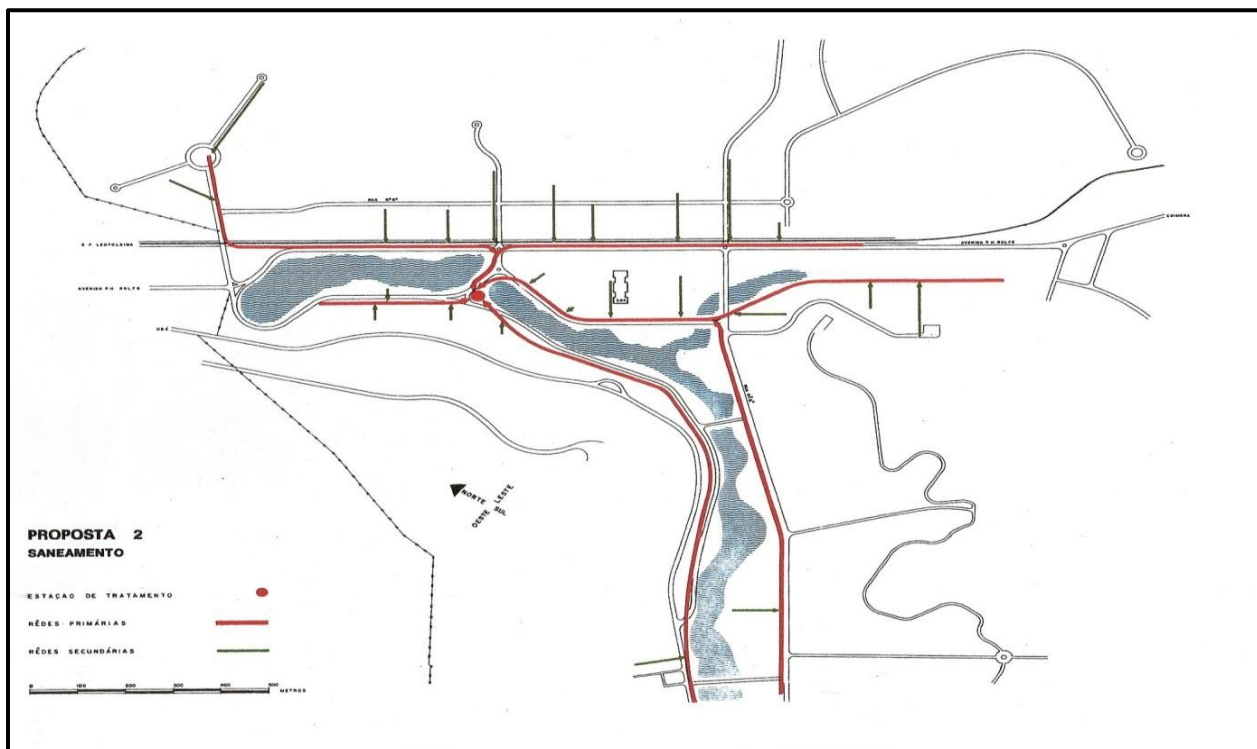


Figura 9 – Proposta de saneamento do Campus.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 31.

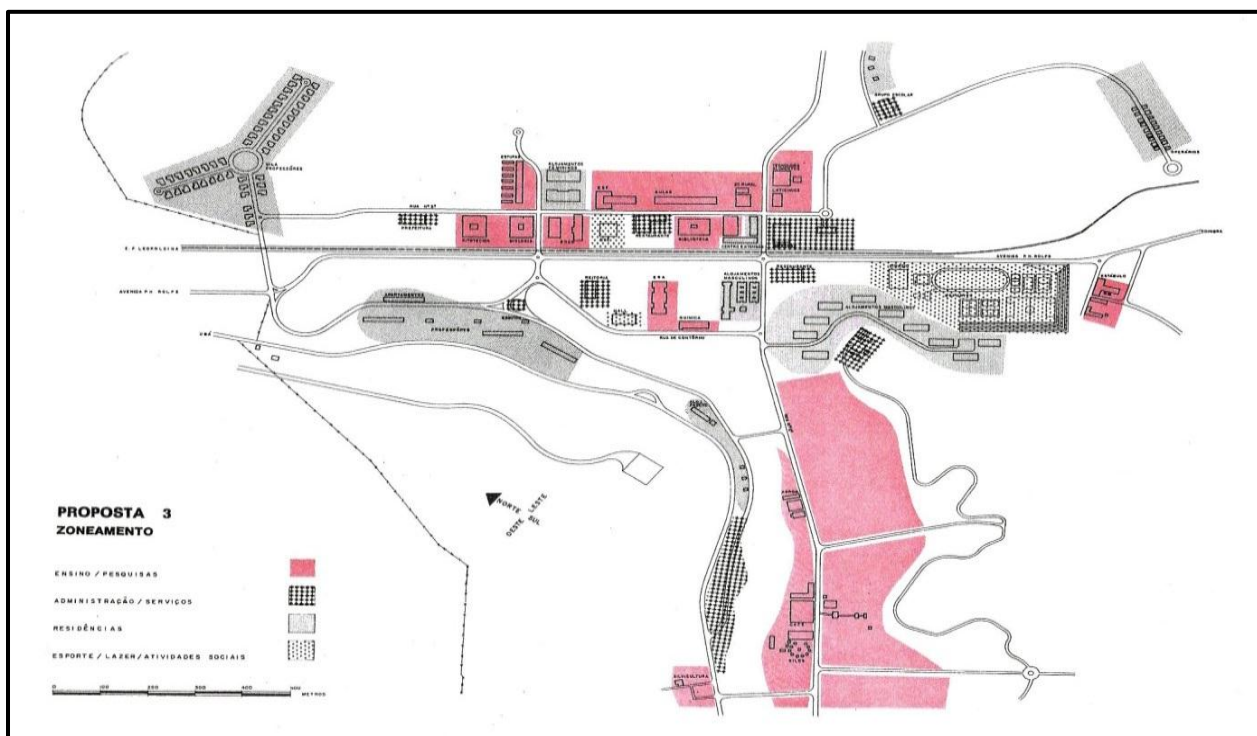


Figura 10 – Proposta de zoneamento do Campus.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 35.

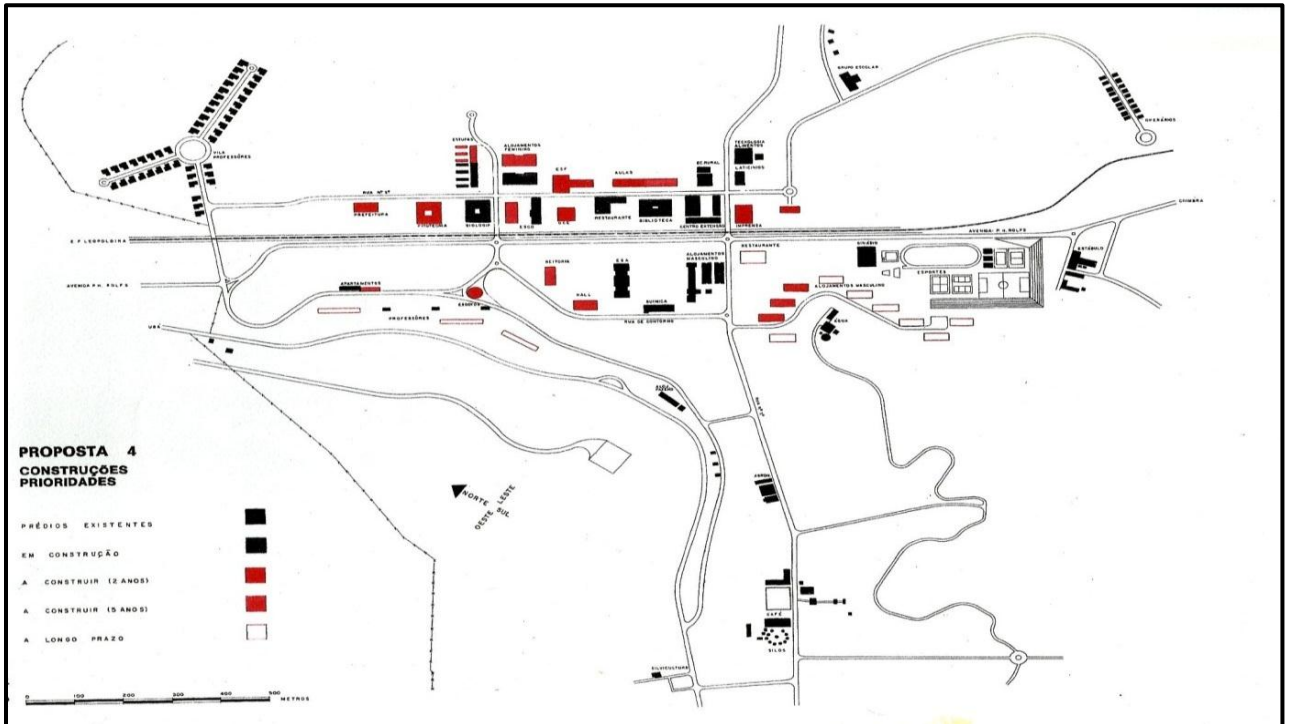


Figura 11 – Proposta de prioridades de construções dentro do Campus.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. P. 41.

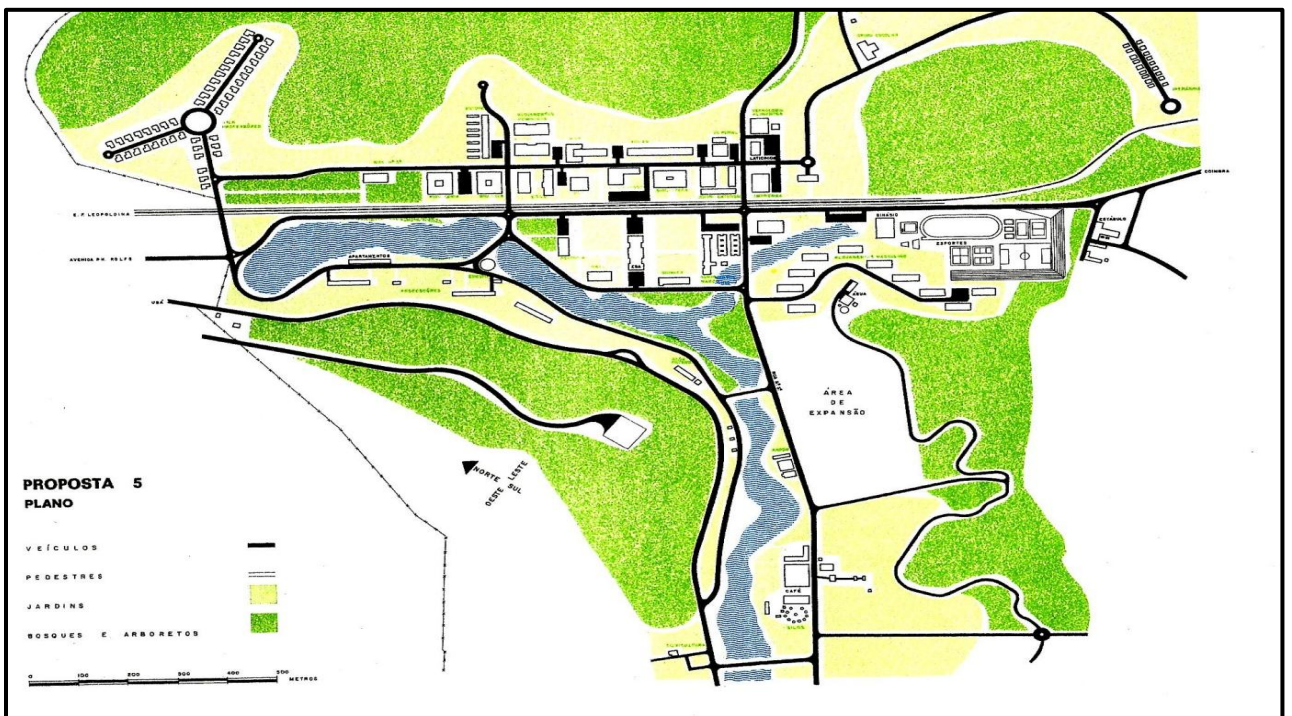
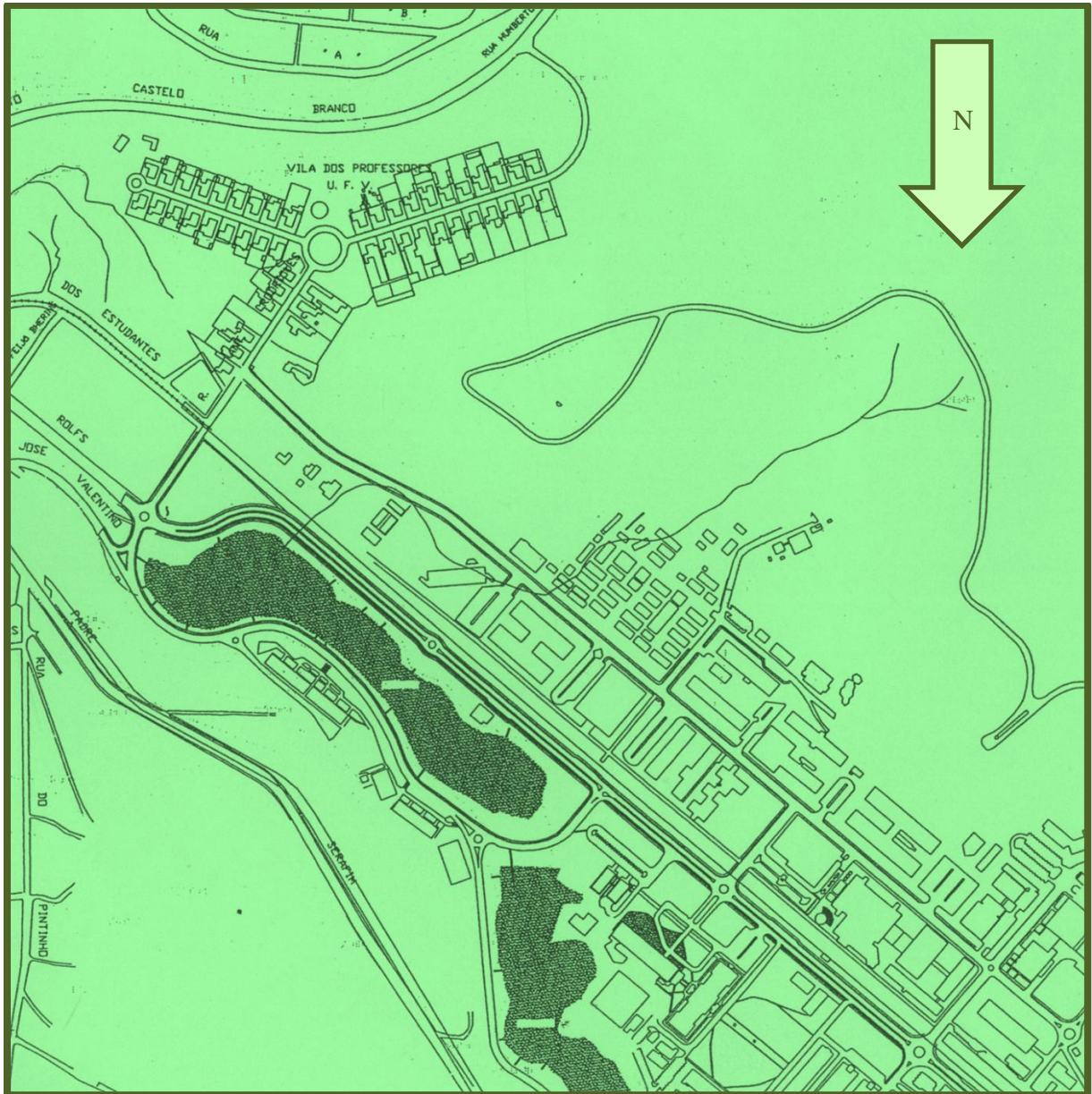


Figura 12 – Proposta de áreas compensatórias do Campus, incluindo extensas áreas para pedestres, jardins, bosques e arboretos.

Fonte: ALVES, C. A. de M. **Campus da Universidade Federal de Viçosa: plano de desenvolvimento físico.** Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 1969. 45.



**VISTA PARCIAL DO TRAÇADO URBANO DO CAMPUS DEMONSTRANDO MAIS  
DETALHES DAS DISPOSIÇÕES ARQUITETÔNICAS E PAISAGÍSTICAS**



ESCALA: sem escala.

LEGENDA	
Rodovias -	
Rios -	
Ferrovias -	
Represas -	

Figura 13 – Vista parcial do Traçado urbano do Campus atualmente.

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2010.

*Anexo II*

*Mudanças espaciais, temporais, sociais e  
arquitetônicas no Campus da UFV de  
1921 a 2013*

*Década de 20*



Figura 14 – As quatro pilastras originais com os dizeres: estudar, saber, agir e vencer. Nota-se claramente a ausência de vegetação, da represa e de edificações no seu entorno.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2000. P.04.





Figura 15 – Vista panorâmica da área central dos terrenos para a instalação da futura ESAV em 1921, observar-se algumas residências dos fazendeiros locais ainda em suas terras, sendo a desapropriação o início da primeira fase de construção do Campus.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 06.

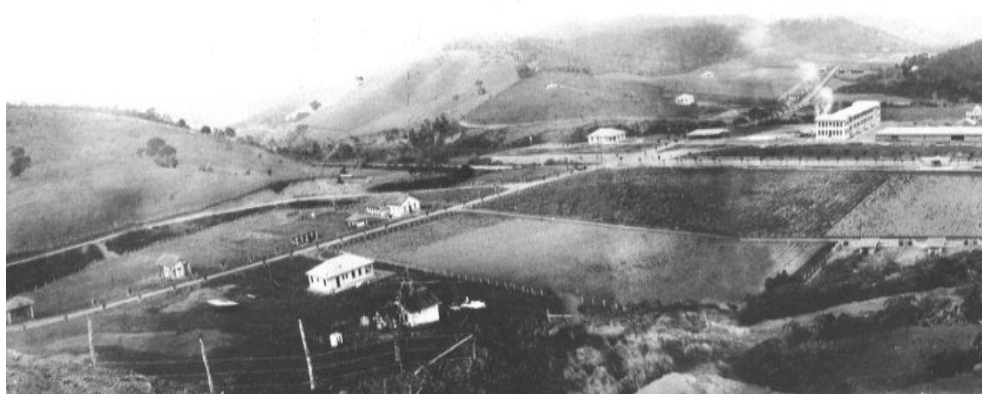


Figura 16 – Vista parcial do Campus.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 12.

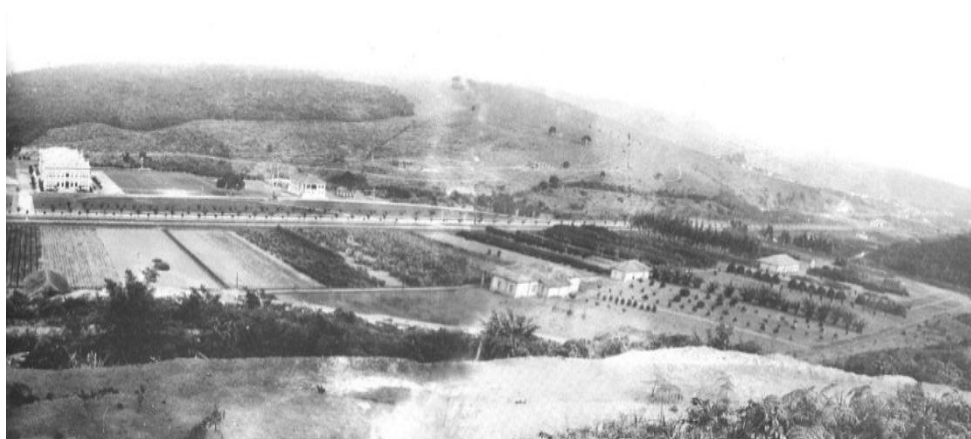


Figura 17 – Vista parcial do Campus, contendo a cidade de Viçosa em 1921, na extrema direita da foto.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 13.

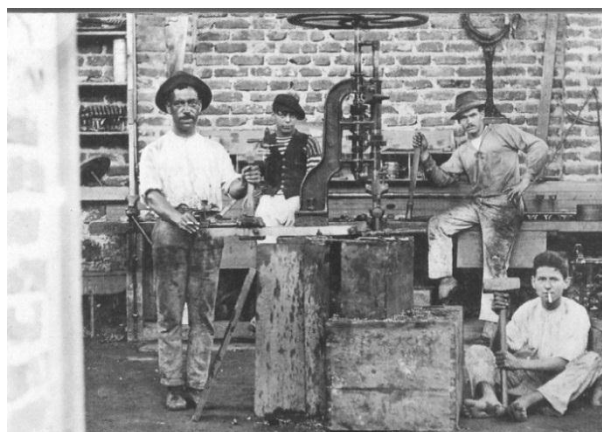


Figura 18 - Construção da oficina de obras. Figura 19 – Oficina de obras.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 14 e 15.

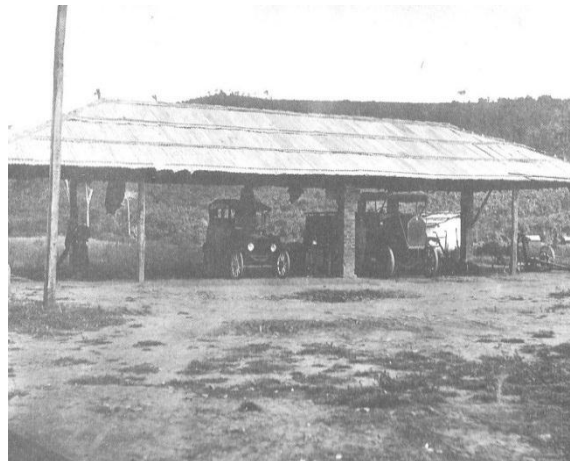


Figura 20 – Ferraria e carpintaria.

Figura 21 – Barracão da primeira garagem.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 15 e 17.



Figura 22 – Olaria que produziu mais de 2.500.000 tijolos para as edificações iniciais.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 17.





Figura 23 – Vista geral do canteiro de obras da ESAV.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 16.

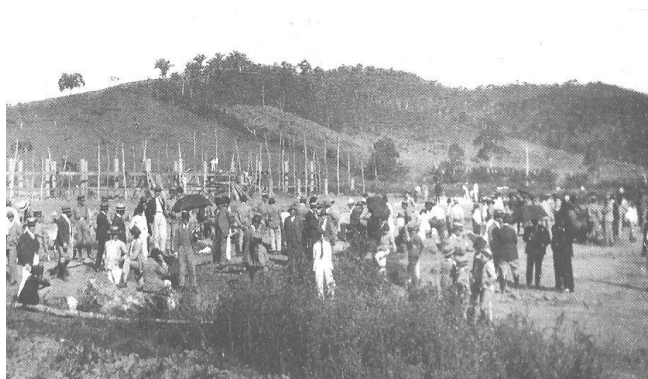


Figura 24 – Público presente no lançamento da pedra fundamental do Ed. Principal.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 18 e 19.



Figura 25 - Pedra fundamental ladeada pelos operários.

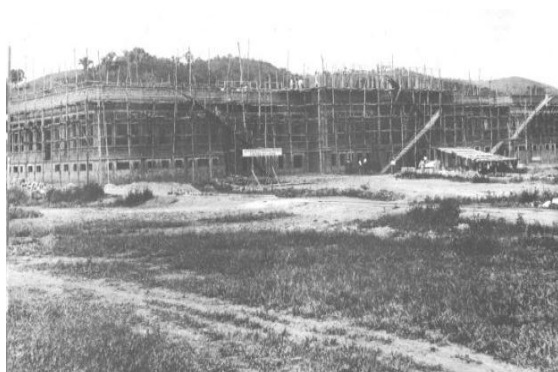


Figura 26 – Ed. Principal em construção.

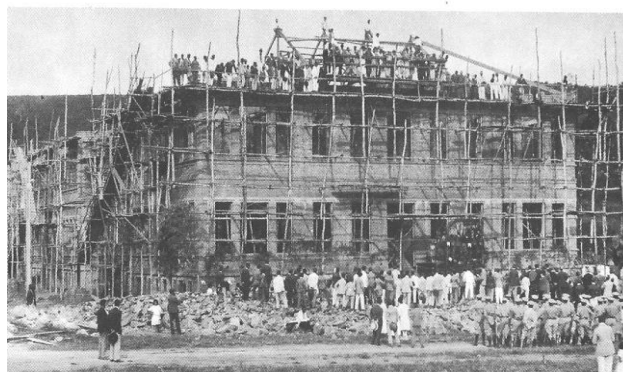


Figura 27 – Instalação das cumeeiras.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 19.



Figura 28 – Ed. Principal erguido.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 19 e 20.

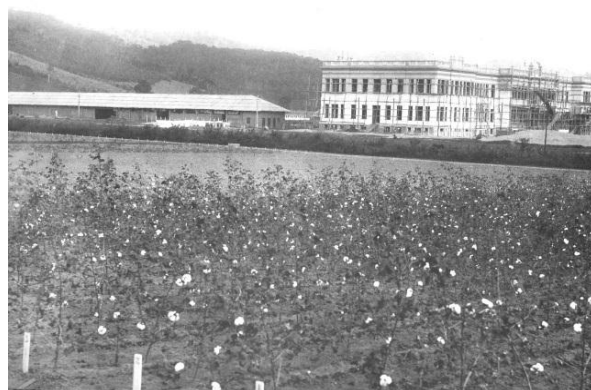


Figura 29 – Pesquisa: plantação de algodão.



Figura 30 – Alicerces da residência do Diretor.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 24.

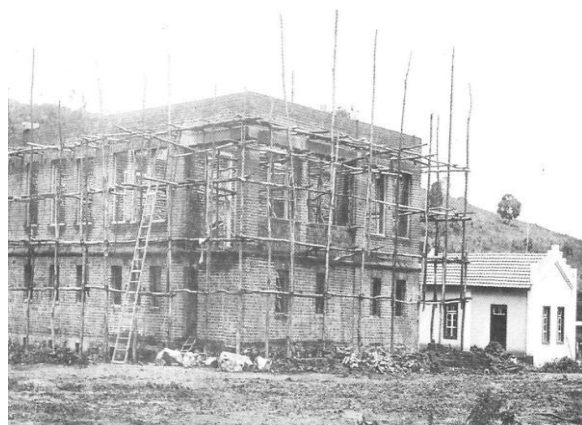


Figura 31 – Construção da residência.



Figura 32 – Fase final de acabamento.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 24.



Figura 33 – Tarde de evento social.





Figura 34 – Residência do Diretor, nomeada de Peter Henry Rolfs em 1976.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 25.



Figura 35 – Lançamento da pedra inaugural do dormitório, Peter. H. Rolfs no centro da foto.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. p. 26.



Figura 36 – Perfuração dos alicerces.



Figura 37 – Inauguração do dormitório.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 26 e 27.



Figura 38 – Início da construção da galeria que desagua as águas das represas do Campus no Ribeirão São Bartolomeu, com transporte de pedras feito pelo caminhão Daimler Benz. Onde o engenheiro Bello Lisbôa, descreveu em seu relatório: - Este bueiro é o maior deles e está localizado na avenida de ligação da Escola à cidade, no trecho em que o ribeirão divide a propriedade da Escola com terrenos particulares. Feito de alvenaria de pedra e cimento, é capeado por uma lage de concreto armado. A sua seção interna mede 2,00 m x 3,00 m.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S. (Orgs.) **Relatório de construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisbôa**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2004. P. 48-49.

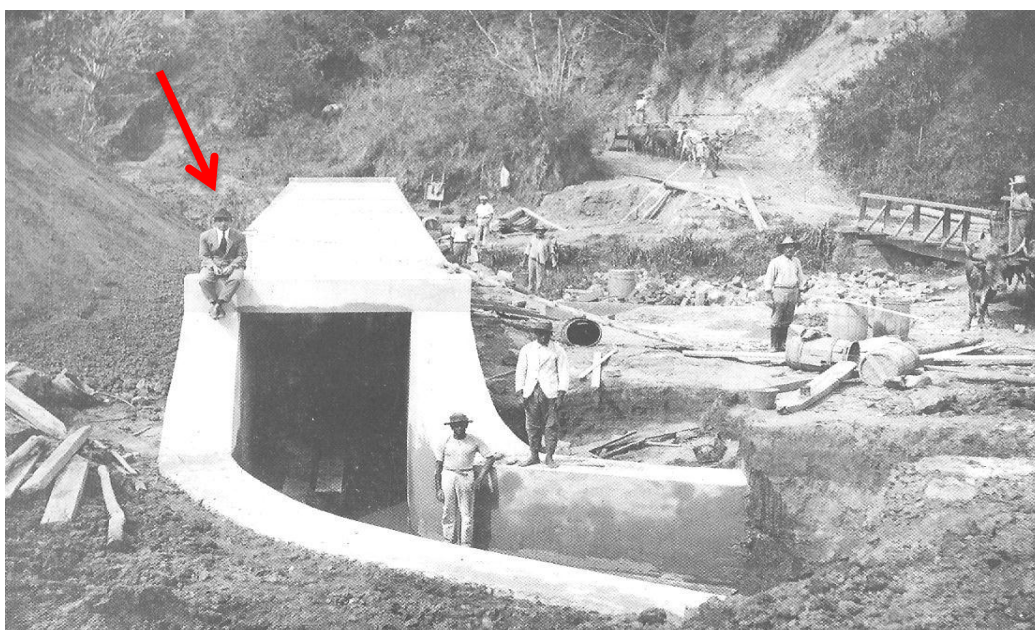


Figura 39 – Sentado sobre o bueiro do Ribeirão São Bartolomeu, o engenheiro Bello Lisbôa.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 22.





Figura 40 – Início do aterro que ligou o Campus à cidade de Viçosa, localizado próximo às quatro pilastras. Sendo demonstrado o grande grau de dificuldades na execução das obras. No detalhe, carroça puxada por muares e trole usados no aterramento da galeria.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 23.



Figura 41 - Avenida da Agronomia em construção.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 26.



Figura 42 – Avenida da agronomia com os primeiros abrigos.

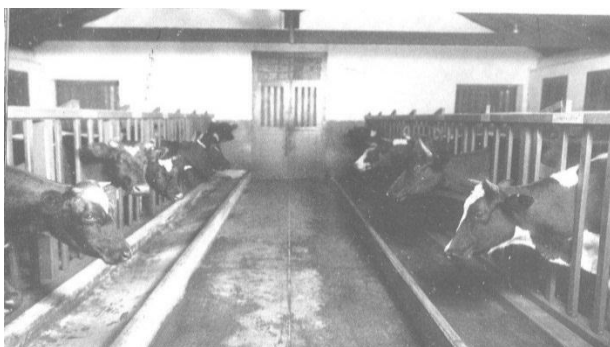


Figura 43 – Primeiro estábulo da ESAV.



Figura 44 – Leiteira.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos.** Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 30.



Figura 45 - Escola infantil na ESAV.



Figura 46 – Preocupação com a saúde.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos.** Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 36.

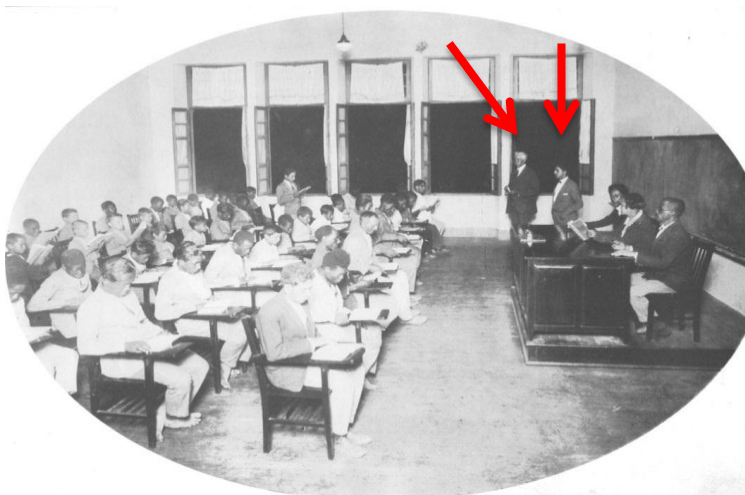


Figura 47 – O diretor Rolfs e Bello Lisbôa em sala no Edifício Principal, jovens e adultos, muitos de pés descalços sendo alfabetizados. Em sete anos ocorreu a redução de 80% de analfabetos para 6% .

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos.** Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 37.



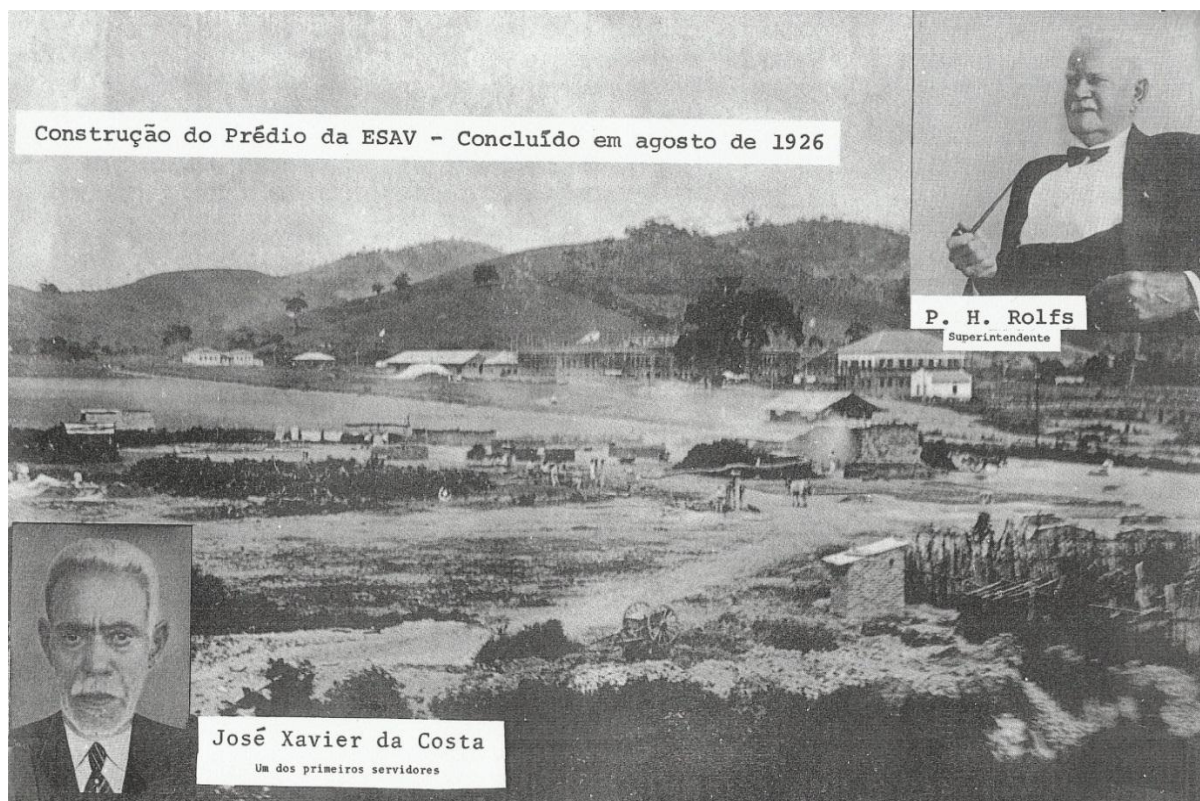


Figura 48 – A construção do edifício Principal da ESAV e a foto do pioneiro engenheiro Peter Henry Rolfs, que ajudou a modificar significativamente o espaço do Campus e consequentemente as estruturas espaciais da cidade de Viçosa.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 29.



Figura 49 – Arthur da Silva Bernardes.

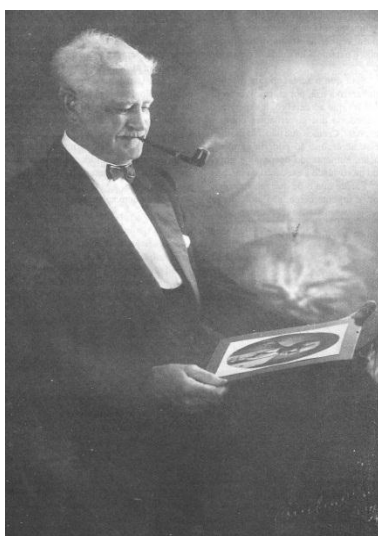


Figura 50 – Pether Henry Rolfs.



Figura 51 – João Carlos Bello Lisbôa.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2000. P. 22, 32 e 36.



Figura 52 – Comboio presidencial, que trouxe Arthur da Silva Bernardes e outras autoridades públicas para a inauguração da ESAV, em 28 de agosto de 1926.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 31.

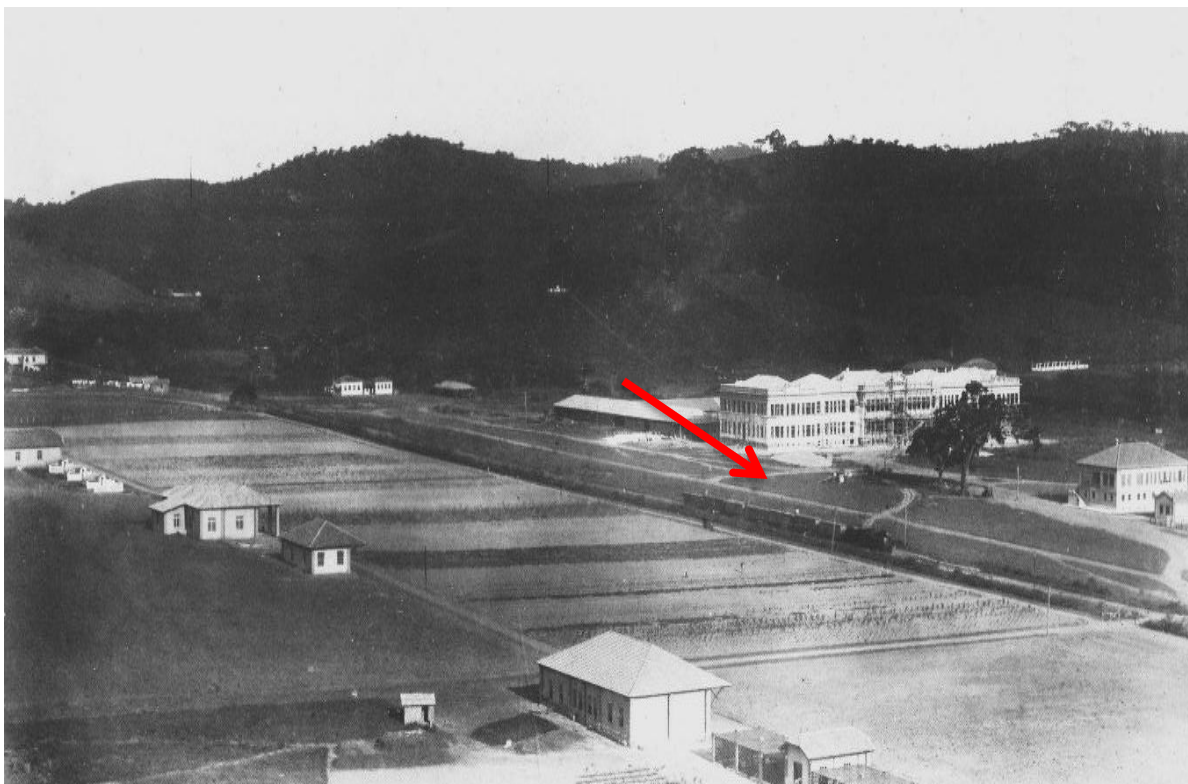


Figura 53 – O trem da Companhia Leopoldina Railway seccionando o Campus.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 31.





Figura 54 – Fazendeiros deixando a estação na primeira semana do fazendeiro (1929).

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 38.

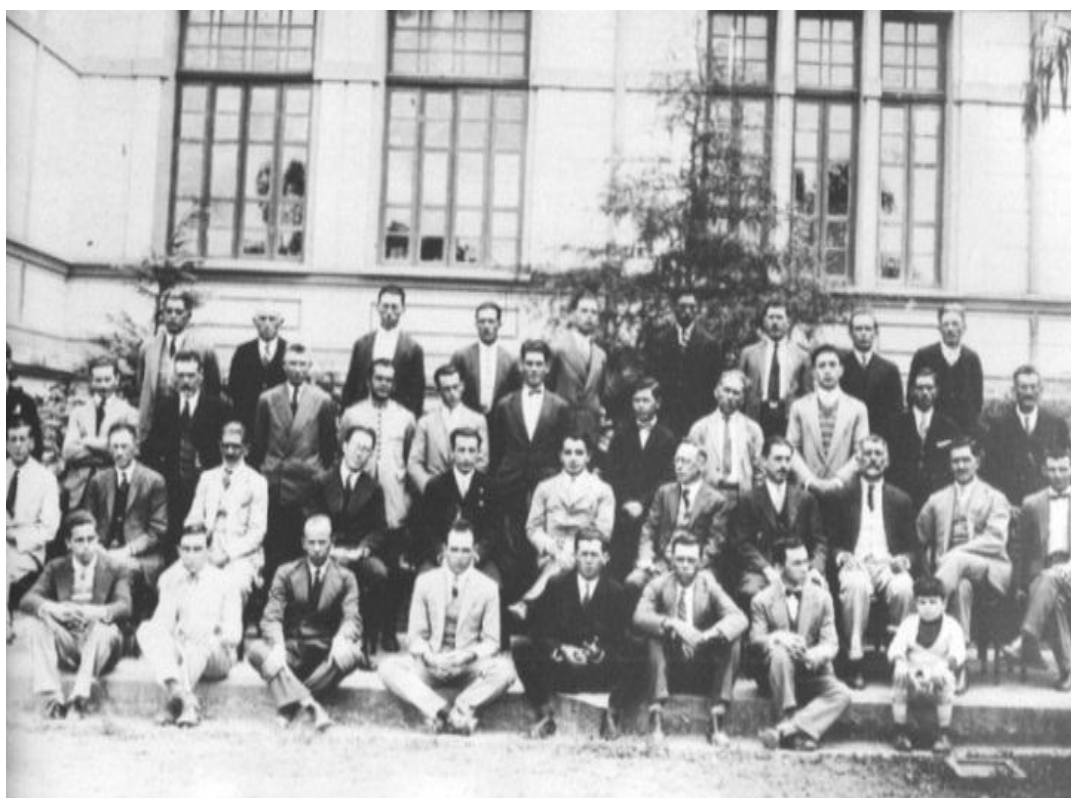


Figura 55 – Em julho de 1929 inicia-se a primeira Semana do Fazendeiro com 39 agricultores, instituída pelos professores Dr. João C. B. Lisboa, Dr. Jacintho Soares de Souza Lima e com a participação dos alunos Joaquim F. Braga e José C. da Silva.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 39.

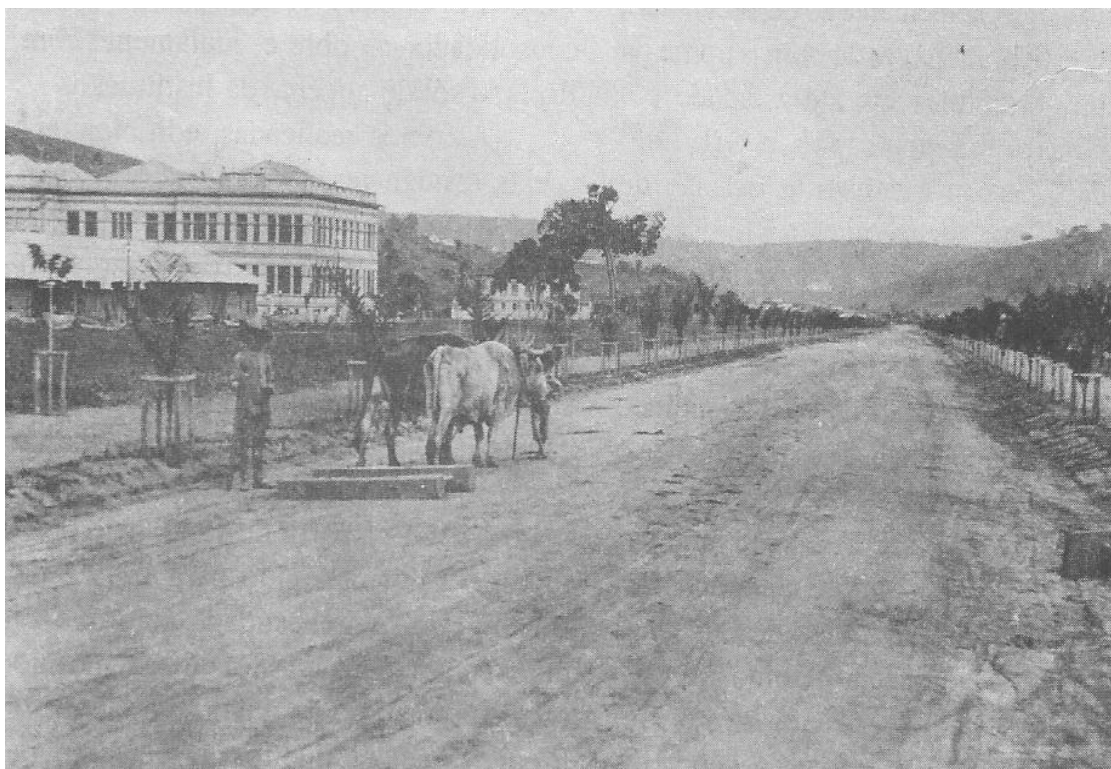


Figura 56 – A reta principal em construção.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa: UFV; Imprensa Universitária, 2000. P. 14.



Figura 57 - A reta aberta após inauguração da ESAV, na foto Rolfs, Lisbôa e familiares.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 33.

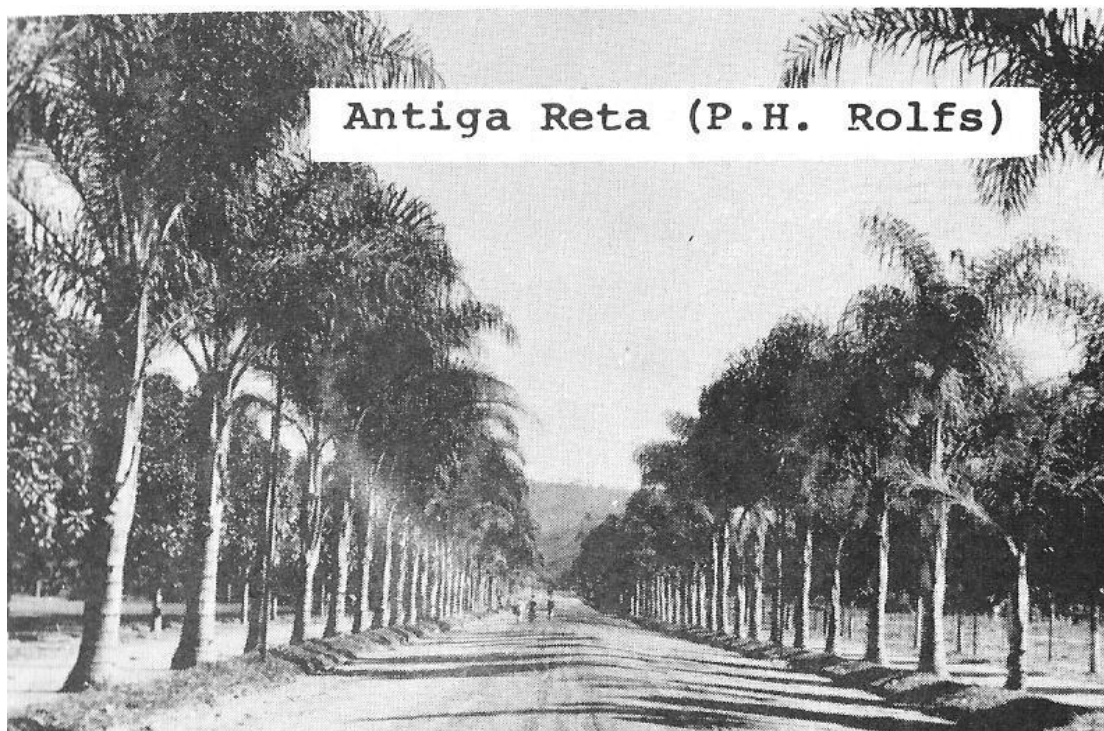


Figura 58 - Antiga Reta Peter Henry Rolfs arborizada, sem pavimentação e iluminação.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 29.

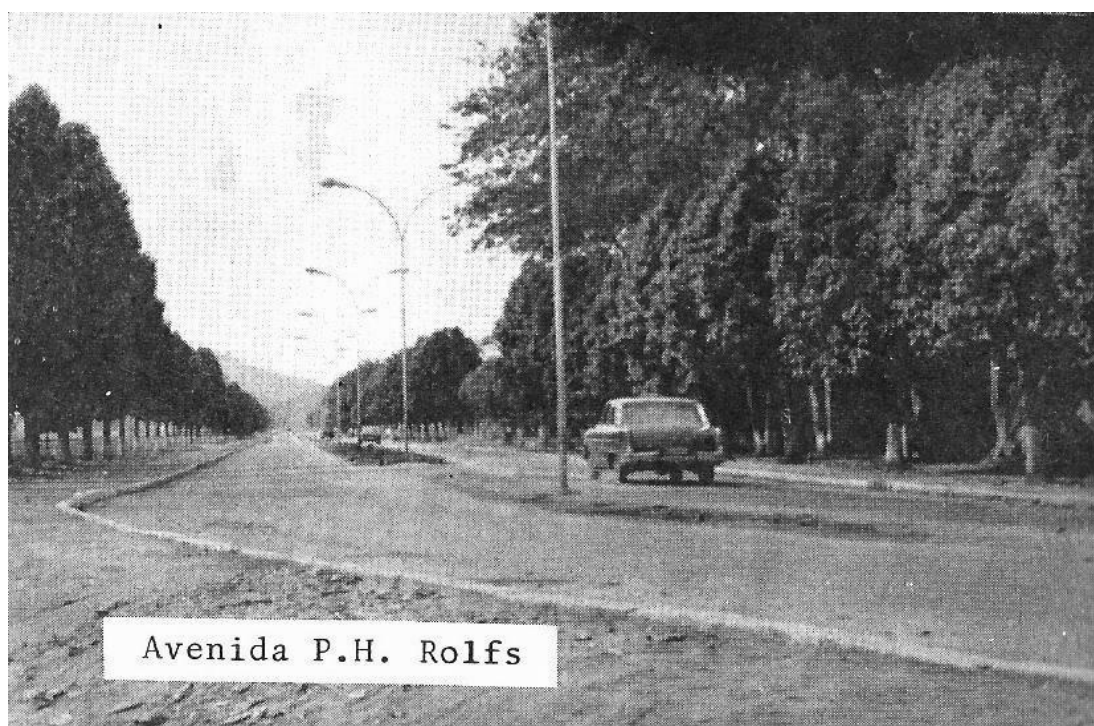


Figura 59 – Avenida Peter Henry Rolfs (reta principal do Campus) passando por transformações em seu espaço através do tempo, pavimentada e com iluminação.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em Fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 99.



Figura 60 – As quatro pilastras originais, nota-se claramente a ausência de edificações (alojamentos), da represa e de vegetação no seu entorno.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa. Imprensa Universitária, 2000. P. 04.

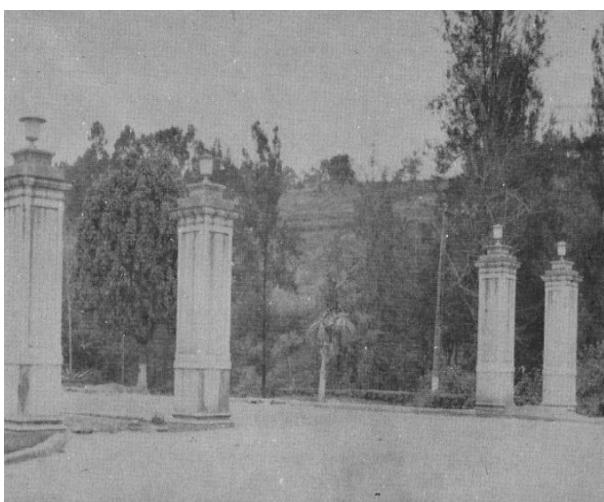


Figura 61 – As quatro pilastras nos anos quarenta, sem os seus dizeres e com certa vegetação recuperada.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos** Viçosa: Folha de Viçosa. P. 99.



Figura 62 – As quatro pilastras em 2006 com os seus dizeres recuperados.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 79.



## *Década de 30*

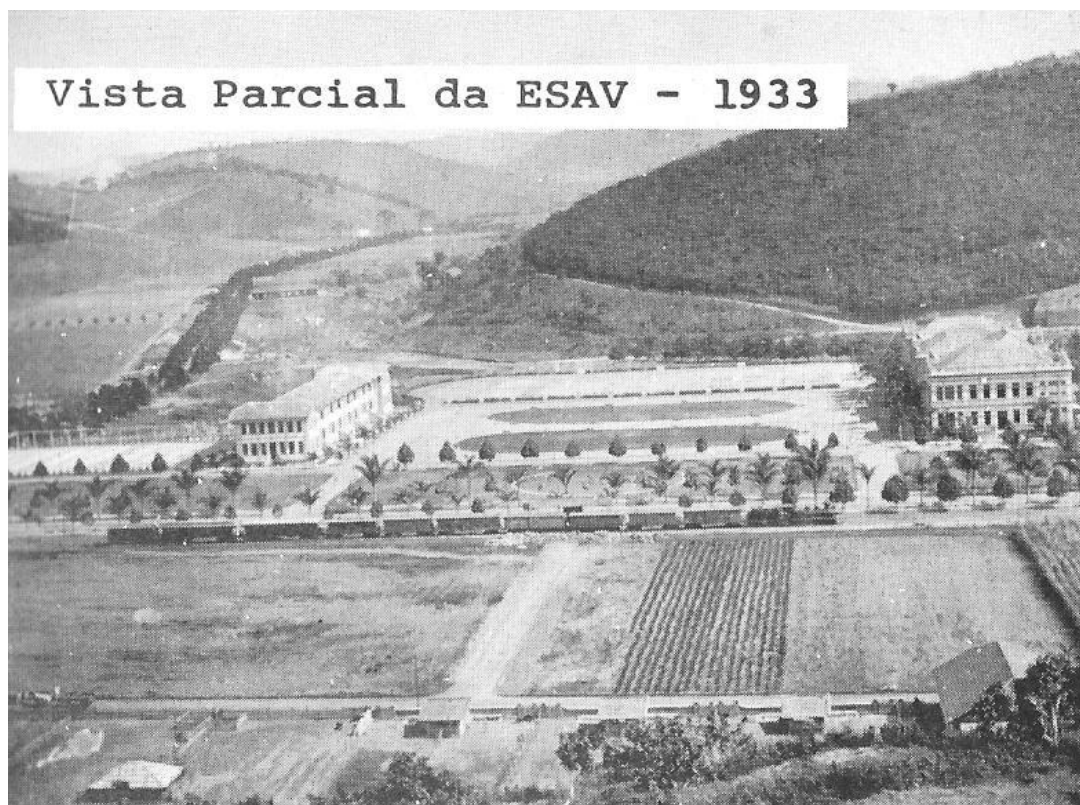


Figura 63 – Vista parcial da ESAV em 1933.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 29.



Figura 64 – Reta Principal em 1930.



Figura 65 – Stand da ESAV em 1933.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 29.

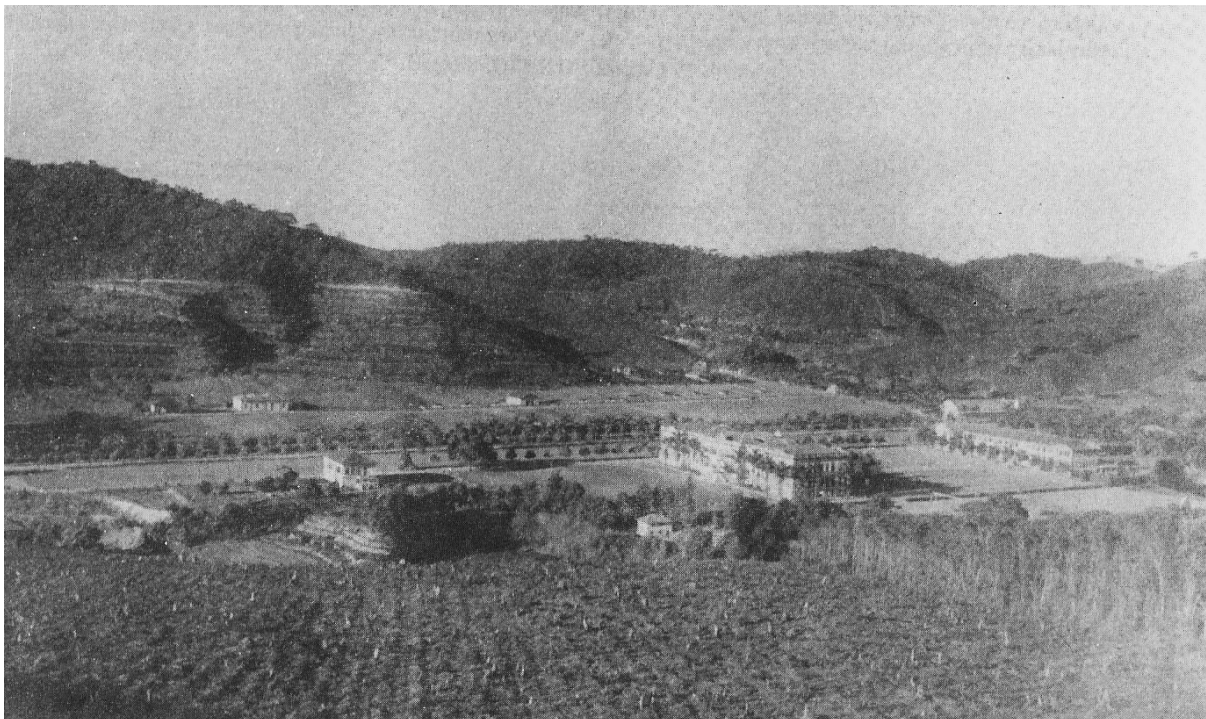


Figura 66 – Vista parcial do Campus na década de 30.

Fonte: BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa. Imprensa Universitária, 2000. P. 58.



Figura 67 – Primeira exposição de milho em 1930.

Fonte: RAMOS, Antônio de P.C.; MELLO, Antônio O. de. **Viçosa em fotos**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1973. P. 29.





Figura 68 – Campo de cultivo, no Vale da Agronomia, algumas edificações de 1930 ainda são encontradas.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 30.

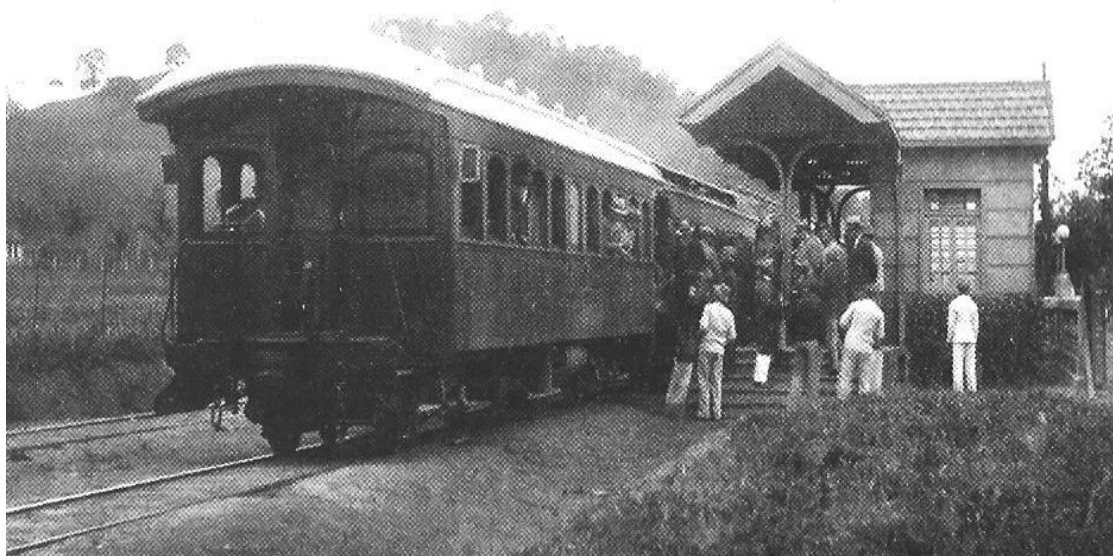


Figura 69 – Embarque de alunos na estaçãozinha na década de trinta.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 41.

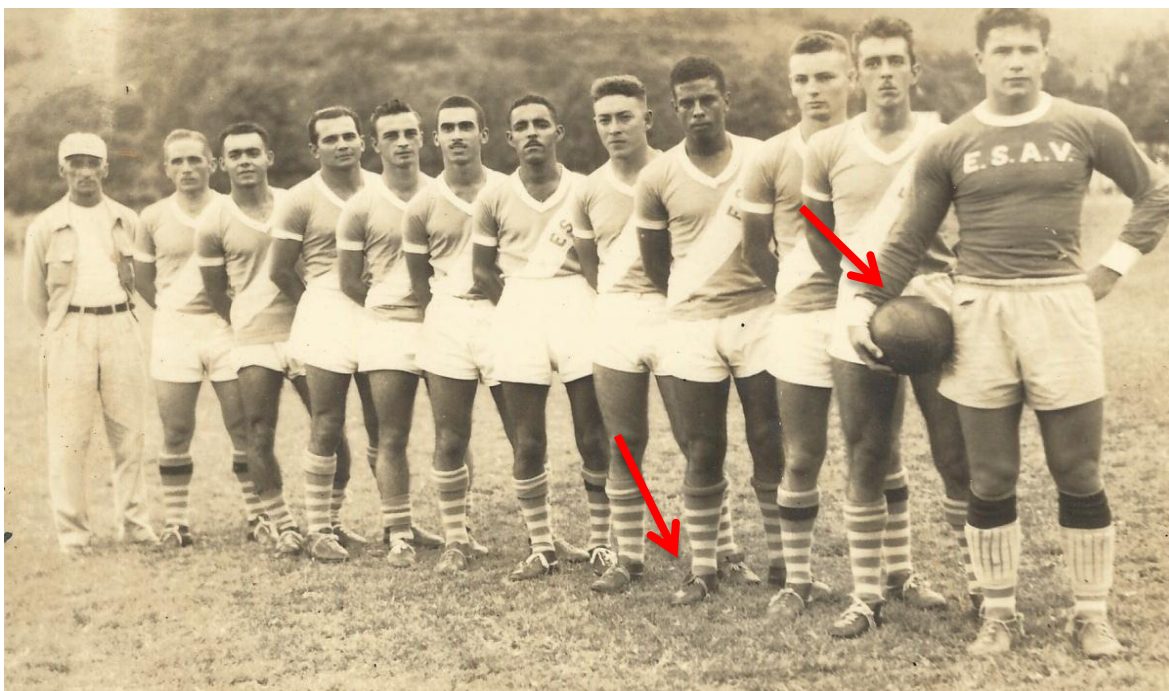


Figura 70 – Time de futebol dos alunos da ESAV, abaixo da seta detalhes da bola que seguia o padrão de cor negra e as chuteiras que possuíam traves antiderrapantes de madeira ou couro.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 71 – Time de futebol da ESAV (formado por alunos do curso superior e médio) recebendo o time Grambery de Juiz de Fora, MG.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 42.





Figura 72 – Equipe de atletismo na década de trinta.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 42.



Figura 73 – Prática desportiva no mês Feminino, criada por B. Lisbôa.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 42.



Figura 74 – Atacantes do time de basquete.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 42.



Figura 75 – A antiga piscina (situada no Vale da Agronomia) foi palco de competições esportivas, além de área de lazer para a comunidade universitária e viçosense.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 43.





Figuras 76 – Marcha de Nico Lopes, criada em 1929 pelo aluno Secundino, com caricaturas, críticas humorísticas, bailarinas, fatos pitorescos externos e internos da ESAV, fatos políticos etc.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 42.





Figura 77 – Excursão dos professores da ESAV para a Serra do Brigadeiro.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006. P. 47.

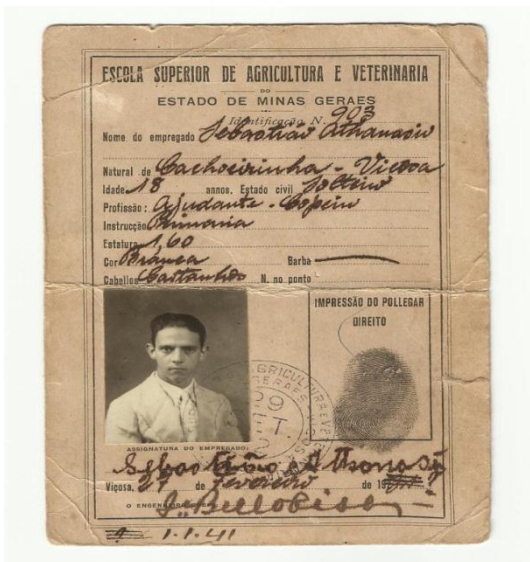


Figura 78 – Carteira de admissão de 1931, (do servidor Sebastião de O. Santos aos 18 anos) assinada pelo Diretor João Carlos Bello Lisbôa.

Fonte: Arquivo pessoal.

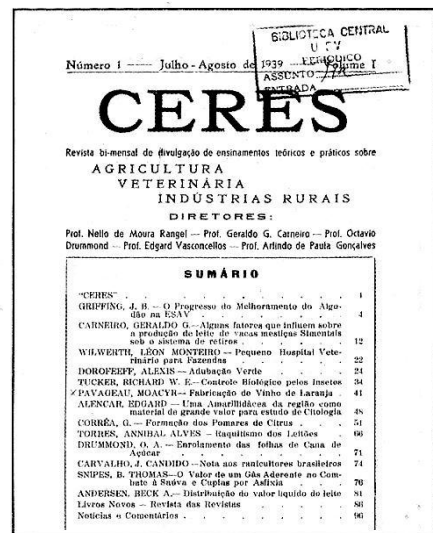


Figura 79 – Primeiro número da revista Ceres.

Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C. de. **UFV oito décadas em fotos**. Viçosa. UFV, 2006. P. 47.